

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**WALDIRENE APARECIDA VILELA**

**O ENSINO DE HISTÓRIA IBÉRICA A PARTIR DO ROMANCE  
“O OUTRO PÉ DA SEREIA”, DE MIA COUTO**

**ALFENAS/MG**

2022

**WALDIRENE APARECIDA VILELA**

**O ENSINO DE HISTÓRIA IBÉRICA A PARTIR DO ROMANCE  
“O OUTRO PÉ DA SEREIA”, DE MIA COUTO**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em História pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa em História Ibérica.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elaine Ribeiro da Silva dos Santos

**ALFENAS/MG**

**2022**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas

Vilela, Waldirene Aparecida.

O ensino de história ibérica a partir do romance O outro pé da sereia, de Mia Couto / Waldirene Aparecida Vilela. Alfenas, MG, 2022.

56f.: il. –

Orientadora: Elaine Ribeiro

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, 2019.

Bibliografia.

1. Ensino de História Ibérica. 2. Mia Couto. 3. O outro pé da sereia. 4. História e Literatura. 5. História das Relações Afro-Ibéricas. I. Ribeiro, Elaine, orient. II. Título.

Ficha Catalográfica elaborada por Fátima dos Reis Goiatá

Bibliotecária-Documentalista CRB/6-425

**WALDIRENE APARECIDA VILELA****O ENSINO DE HISTÓRIA IBÉRICA A PARTIR DO ROMANCE “O OUTRO PÉ DA SEREIA”, DE MIA COUTO**

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovada em: 31 de agosto de 2022

Profa. Dra. Elaine Ribeiro da Silva dos Santos  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG

Profa. Dra. Livia Nascimento Monteiro  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG

Prof. Dr. Romeu Adriano da Silva  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG



Documento assinado eletronicamente por Elaine Ribeiro da Silva dos Santos, Professor do Magistério Superior, em 31/08/2022, às 21:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Livia Nascimento Monteiro, Professor do Magistério Superior, em 01/09/2022, às 08:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Romeu Adriano da Silva, Professor do Magistério Superior, em 05/09/2022, às 11:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 0805562 e o código CRC A2F093A1.

## AGRADECIMENTOS

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001” ou “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”

Agradeço primeiramente a Deus por me capacitar para que eu pudesse desenvolver esta pesquisa, à minha família que me incentivou a continuar os estudos, aos antepassados africanos que me inspiraram, à comunidade escolar, principalmente aos meus alunos que são a razão de minha vida profissional.

Sobretudo, agradeço à Professora Elaine Ribeiro da Silva dos Santos que me guiou “por mares nunca dantes navegados”, ela que foi “Mwadia” que na língua *si-nhungwé* significa canoa, norteando-me para a viagem do conhecimento e sendo bússola nos momentos tempestuosos das dúvidas.

“A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores. A viagem acontece quando acordamos fora do corpo, longe do último lugar onde podemos ter casa (...) A viagem termina quando encerramos as nossas fronteiras interiores. Regressamos a nós, não a um lugar.”

MIA COUTO, 2006, p. 65

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir como a Literatura e a História podem contribuir de forma interdisciplinar para o conhecimento dos alunos do Ensino Médio Regular sobre o continente africano, fazendo valer as Leis 10.639/03 e 11.645/08. Para isso, será usada como fonte a obra do moçambicano Mia Couto, *O outro pé da sereia*, visto que, por meio dela, a historicidade daquela região poderá ser debatida em sala de aula ao se averiguar as relações que se deram entre os povos de Monomotapa, região que atualmente pertence a Moçambique, e os portugueses no século XVI, presentes na narrativa. A região era considerada o Reino do Ouro e, portanto, seria esse o motivo que levou aquela localidade a ser o alvo da ambição de muitos exploradores de diferentes partes da Europa e da Ásia. Porém, essa exploração foi consolidada por meio de muitos conflitos que, normalmente, surgem nas relações de confronto, originados por processos colonizadores ou de imposição cultural, religiosa e política. Neste sentido, houve tentativas de desconstruir as práticas religiosas locais. O romance de Mia Couto vai trabalhar o encontro de crenças quando narra o caso da santa levada na expedição portuguesa que tinha como propósito realizar a primeira incursão católica na corte do Império do Monomotapa.. No carregamento do barco, a estátua escorregou dos braços do padre Manuel Antunes e tombou no lodo. Um escravo lançando-se nas águas turvas, abraçou a imagem e banhou-a para lhe retirar o lodo dizendo que não estava lavando a Santa, ela que estava lavando o rio inteiro, pois se tratava de kianda. No tempo presente, a santa chega às mãos de Mwadia que se torna responsável por conduzi-la a um lugar mais apropriado. Neste sentido, a obra analisada contribuirá para trazer à tona a historicidade deste encontro e demonstrar que a sociedade brasileira atual é fruto deste legado que vem do continente africano. Pelo fato de sofrerem preconceito racial, muitas crianças e jovens não conseguem se identificar como descendentes dos africanos e não se sentem pertencentes àquelas culturas. Para contribuir com a diminuição deste sentimento negativo em relação à ascendência africana, este trabalho pretendeu, a partir das relações entre História e Literatura e a potencialidade de produção de conhecimento histórico a partir de obras literárias, produzir como Objeto de Aprendizagem uma narrativa ficcional espelhada no romance de Mia Couto, transformada em *podcast*, capaz de desencadear debates em sala de aula sobre a história de Moçambique e suas relações com a atualidade brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de História Ibérica; Mia Couto; O outro pé da Sereia; História e Literatura; História das Relações Afro-Ibéricas.

## RESUMEN

El objetivo de este informe es mostrar cómo la Literatura y la Historia pueden contribuir de manera interdisciplinaria al conocimiento de los estudiantes de la Enseñanza Media Regular sobre el continente africano, en aplicación de la Ley 11.635. Para ello, se utilizará como fuente la obra de la mozambiqueña Mia Couto, *O outro pé da sereia*, ya que, a través de ella, se puede debatir en el aula la historicidad de esa región al indagar las relaciones que se desarrollaron entre los pueblos de Monomotapa, región que actualmente pertenece a Mozambique, y los portugueses en el siglo XVI, presentes en la narración. La región fue considerada el Reino do Ouro y, por tanto, esta sería la razón que llevó a que ese lugar fuera el objetivo de la ambición de muchos exploradores de diferentes partes de Europa y Asia. Sin embargo, esta exploración se consolidó a través de muchos conflictos que normalmente surgen en relaciones de confrontación, originadas por procesos colonizadores o imposición cultural, religiosa y política. En este sentido, hubo intentos de deconstruir las prácticas religiosas locales. La novela de Mia Couto trabaja sobre el encuentro de creencias cuando narra el caso de la santa embarcada en la expedición portuguesa cuyo propósito era llevar a cabo la primera incursión católica en la corte del Imperio Monomotapa. Al cargar el barco, la estatua se resbaló de los brazos del padre Manuel Antunes y cayó al barro. Un esclavo tirándose a las turbias aguas, con las piernas enterradas en el barro, impidió que se lo tragara, abrazó la imagen y la bañó en el agua para quitarle el barro diciendo que no estaba lavando a Santa, ella estaba lavando el río entero, como era kianda. En el presente, la santa llega a manos de Mwadia quien se encarga de conducirla a un lugar más apropiado. Fue en este contexto histórico que la obra analizada puede contribuir investigando las relaciones y, a partir de ahí, plantear interrogantes sobre las diferencias culturales para que la sociedad actual pueda comprender el legado que ha construido el continente africano sino por el hecho de que siendo repudiados y sufriendo prejuicios raciales, muchos niños y jóvenes son incapaces de identificarse como descendientes de pueblos africanos y no se sienten pertenecientes a esas culturas. Se analizarán las bibliografías que dialogan con obras literarias que puedan ser utilizadas como fuentes históricas y la presentación del Objeto de Aprendizaje en formato de libro escrito y en *podcast*.

### **PALABRAS-CLAVES:**

Mia Couto; O outro pé da sereia; Monomotapa; Mozambique; Historia y Literatura; Didáctica de la Historia de las Relaciones Afro-Ibéricas.



## ABSTRACT

The objective of this report is to show how Literature and History can contribute in an interdisciplinary way to the knowledge of Regular High School students about the African continent, enforcing Law 11.635. For this, the work of the Mozambican Mia Couto, *O outro pé da sereia*, will be used as a source, since, through it, the historicity of that region can be debated in the classroom when investigating the relationships that took place between the peoples of Monomotapa, a region that currently belongs to Mozambique, and the Portuguese in the 16th century, present in the narrative. The region was considered the Golden Kingdom and, therefore, this would be the reason that led that location to be the target of ambition of many explorers from different parts of Europe and Asia. However, this exploration was consolidated through many conflicts that normally arise in confrontational relationships, originated by colonizing processes or cultural, religious and political imposition. In this sense, there were attempts to deconstruct local religious practices. Mia Couto's novel works on the meeting of beliefs when it narrates the case of the saint taken on the Portuguese expedition whose purpose was to carry out the first catholic incursion into the court of the Monomotapa Empire. When loading the boat, the statue slipped from the arms of Priest Manuel Antunes and fell into the mud. A slave throwing himself in the murky waters, embraced the image and bathed it in the water to remove the mud saying he wasn't washing Santa, she was washing the river whole, as it was kianda. At the present time, the saint arrives in the hands of Mwadia who becomes responsible for leading her to a more appropriate place. It was in this historical context that the analyzed work will be able to contribute by investigating the relationships and, from that, bring to light the questions about the cultural differences so that the current society can understand the legacy that the people of the African continent built, but by the fact that being disowned and suffering racial prejudice, many children and young people cannot identify as descendants of Africans and do not feel that they belong to those cultures. The bibliographies that dialogue with literary works that can be used as historical sources and the presentation of the Learning Object in podcast format will be analyzed.

**KEYWORDS:** Mia Couto; O outro pé da sereia; Monomotopa; Mozambique; History and Literature; Teaching the History of Afro-Iberian Relations.

## SUMÁRIO

1	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	9
2	<b>OBJETO DE APRENDIZAGEM: <i>PODCAST</i>: OS RASTROS DA SEREIA.....</b>	13
3	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	23
4	<b>ANÁLISE DA OBRA.....</b>	27
5	<b>DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	36
6	<b>O ROMANCE "O OUTRO PÉ DA SEREIA" E O <i>PODCAST</i> "OS RASTROS DA SEREIA" COMO RECURSOS DIDÁTICOS .....</b>	43
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	50
7.1	<b>FONTE HISTÓRICA.....</b>	52
7.2	<b>LEGISLAÇÃO.....</b>	52
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	53
	<b>ANEXOS.....</b>	56

## 1 APRESENTAÇÃO

O trabalho de pesquisa se concentra na análise do romance *O outro pé da sereia*, de Mia Couto, sobre as relações que se deram entre os povos de Monomotapa, região que atualmente pertence a Moçambique, e os portugueses no século XVI. A região era considerada o “Reino do Ouro” e, portanto, seria esse o motivo que levou aquela localidade a ser o alvo da ambição de muitos exploradores de diferentes partes da Europa e da Ásia. Porém, essa exploração foi consolidada por meio de muitos conflitos que, normalmente, surgem nas relações coloniais.

O romance de Mia Couto trabalha o encontro de crenças quando narra o caso da santa levada na expedição portuguesa que tinha como propósito realizar a primeira incursão católica na corte do Império do Monomotapa. Gonçalo da Silveira, o jesuíta responsável pela expedição, prometeu a Lisboa que batizaria esse imperador negro cujos domínios se estendiam até ao Reino de Prestes João. A estátua de Nossa Senhora, benzida pelo Papa, era o símbolo maior desta peregrinação, aprisionada nas lamacentas margens do rio Mandovi. No carregamento do barco, junto à Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, a estátua escorregou dos braços do padre Manuel Antunes e tombou no lodo. Um escravo lançando-se nas águas turvas, com as pernas enterradas na lama, evitou que fosse tragada, abraçou a imagem e banhou-a lentamente na água para lhe retirar o lodo dizendo que não estava lavando a Santa, ela que estava lavando o rio inteiro, pois se tratava de *kianda*.

Neste sentido, houve tentativas de desconstruir as práticas religiosas locais, que eram consideradas pelos europeus como mundanas e pecaminosas, quando a expedição portuguesa adentrou na região do Monomotapa. A partir desse contexto histórico presente na narrativa ficcional de Mia Couto, que o debate a respeito das relações entre portugueses e monomotapas poderá trazer à tona questões sobre diferenças culturais e relações históricas importantes para a nossa atualidade brasileira que deve compreender os legados do continente africano e da colonização portuguesa. Percebe-se então que do processo colonial é que surgiu o preconceito racial que impede muitas crianças e jovens não conseguirem se identificar como descendentes dos povos africanos.

Embora esteja lecionando há 30 anos, senti que eram muito superficiais e exotizadas as discussões que se estabeleciam em sala de aula a respeito de atividades relacionadas à Lei 10.639/2003, modificada pela Lei 11.645/2008<sup>1</sup>. Além disso, na escola em que trabalho, as

---

<sup>1</sup> Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura africana, afro-brasileira e indígena”.

atividades que eram propostas nas comemorações em razão do Dia da Consciência Negra (20 de novembro), quase sempre traziam como prioridade, o destaque ao passado sofrido dos africanos como escravizados, o que desencadeava maior negação ao sentimento de pertencimento dos jovens às origens africanas. Outro fator que era observado, era a falta de entrosamento entre as disciplinas na organização das atividades e, quando trabalhávamos com a Literatura nesses projetos, na maioria das vezes, eram obras que falavam dos africanos com uma visão europeia ou brasileira do assunto. Nenhuma literatura feita pelos africanos era trabalhada, o que demonstrava a superficialidade dos projetos.

Essas situações foram me incomodando como educadora, visto que os projetos não contribuía para a conscientização dos alunos em relação às culturas africanas e muito menos para exterminar a visão preconceituosa que não somente existe entre os alunos, mas também, entre os professores, pois o arraigamento do preconceito é de uma dimensão assustadora que acaba acontecendo em situações corriqueiras que vão desde um comentário sobre o tipo de penteado que a pessoa usa até mesmo em situações extremas de violência.

Foi neste contexto que me deparei com um trecho da obra de Mia Couto que me fez perceber como eu estava desatualizada trabalhando até então com textos na literatura que só contemplavam a visão dos europeus ou obras de brasileiros que também seguiam um estilo europeu de enxergar os africanos. A partir desse acontecimento, entendi que faltava à minha formação, uma especialização para me atualizar, por isso, ingressei-me no Mestrado de História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas focando na área de História da África e de suas relações com os agentes portugueses.

Neste trabalho final serão discutidas as questões acerca do Objeto de Aprendizagem que foi idealizado a partir da leitura da obra do moçambicano Mia Couto, *O outro pé da sereia*. A ideia de produzir uma narrativa ficcional e, posteriormente, produzir um *podcast* nasceu da necessidade de tentar agregar junto às bibliotecas públicas um material que, além de contribuir com a inclusão de jovens com deficiência, visto que a história é voltada para o público do Ensino Médio, poderia também trabalhar na desconstrução de ideias negativistas a respeito de determinadas populações que, por desconhecerem a grandeza de seus antepassados, continuam não se sentindo pertencentes e herdeiros da cultura afro-brasileira.

Como professora, há muitos anos atuando na disciplina de literatura, entendo que para chegar à leitura de determinadas obras com o intuito de não apenas ler simplesmente para deleite, mas sobretudo para despertar outras visões, acredito que não se deva oferecer a obra completa, mas parte dela, com trechos mais relevantes sobre a história e se utilizar de recursos que venham a estimular a leitura. Por esse motivo, escolhi o *podcast* com uma história por mim

produzida e espelhada no romance de Mia Couto, cuja protagonista é uma jovem da idade de meus alunos, com uma linguagem acessível para que seja o pré-texto ou pretexto de se trabalhar futuramente com a obra *O outro pé da sereia*.

A princípio, tentei fazer um Objeto de Aprendizagem que seria trabalhado na escola utilizando recursos tecnológicos como, por exemplo, os computadores da sala de informática. Porém, ao longo da criação, entendi que o mesmo não poderia ser usado com os alunos e nem mesmo no celular deles por incompatibilidade de execução nos aparelhos, como também, nem sempre há disponibilidade de *Internet* para todos os alunos e, quando há, normalmente é muito lenta. Por esse motivo, houve a mudança nos planos que resultou em um projeto de *podcast* que poderá contribuir mais com a aprendizagem dos discentes, sem tantos percalços.

O Objeto de Aprendizagem é, portanto, um *podcast*, organizado em dez capítulos gravados em um aplicativo totalmente gratuito de criação de áudios para ser utilizado de forma interdisciplinar nas aulas de História e Literatura e contemplará as três séries do Ensino Médio. O aplicativo referido é intitulado de *Anchor* e pode ser baixado sem nenhum custo nos sistemas Android, IOS e Windows Phone, o que torna um objeto de aprendizagem acessível a toda comunidade escolar pública. Recentemente, a plataforma *Anchor* foi adquirida pela empresa *Spotify*, muito disseminada entre os alunos do Ensino Médio cuja faixa etária corresponde em torno de 14 a 18 anos.

O título dado ao Objeto de Aprendizagem – *Os rastros da sereia* - foi escolhido a fim de se fazer uma intertextualidade com a obra do moçambicano Mia Couto e o *podcast* será utilizado com o intuito de despertar nos alunos o gosto pela leitura de obras literárias que possam servir como contribuições para o desenvolvimento de conhecimento histórico, além de poder ser usado na educação inclusiva por causa do seu formato.

Para elaborar uma atividade, em se tratando de Educação, é mister que o professor deva recorrer a um planejamento detalhado, levando-se em consideração todo o processo de aplicação da mencionada atividade. Não se cria um projeto educacional que tenha apenas uma vertente, pois, na escola, há uma diversidade discente que pode não responder conforme o que foi solicitado. Conforme cita em sua obra Zabala (1998, p. 92): Do conjunto de relações interativas necessárias para facilitar a aprendizagem se deduz uma série de funções dos professores, que tem como ponto de partida o próprio planejamento.

Quando se pensa em aparatos tecnológicos, muitos objetos de aprendizagem foram disponibilizados, mas segundo Juliana Braga, não conseguiram ser reutilizados por não estarem adequados aos contextos escolares: Muitos desses materiais foram desenvolvidos em grandes blocos, por exemplo, cursos completos, softwares e vídeos que tratam de diversos conteúdos. Isso limita sua utilização, pois não atende às

necessidades específicas em diferentes contextos. Ao ter acesso a um conteúdo digital educacional, o professor pode querer aproveitar parte dele, sentindo a necessidade de fragmentá-lo em pequenos blocos que possa utilizar em diferentes situações. Mas nem sempre é possível, o que dificulta a reutilização. Com o objetivo de superar essas barreiras, surgiu uma nova maneira de pensar o desenvolvimento e de organizar a descrição, a busca e a reutilização desses materiais educacionais, de modo a integrar o enfoque dado pela Ciência da Computação ao olhar e necessidades da Educação, dando origem ao conceito de Objetos de Aprendizagem. (BRAGA, 2014, p.20)

Partindo desse pressuposto de que o planejamento é fundamental para que a aprendizagem seja efetivamente construída, o objeto educacional perpassará pelo romance do escritor moçambicano Mia Couto que traz a história da África *O outro pé da sereia* com uma visão muito além daquela que já é conhecida pelos historiadores europeus ou por aqueles com uma visão eurocêntrica da História. A partir disso, novos horizontes são abertos às crianças e jovens brasileiros que não conseguem se identificar com as raízes africanas, já que tantas vezes, apenas o lado negativo do continente é relatado nos livros didáticos ou, em outras vezes, até mesmo a história de lá é simplesmente silenciada. Nesse caso, pretende-se por meio do objeto educacional, criar uma maneira de fazer uma releitura da obra de forma a organizar o *podcast* na plataforma *Anchor* que poderá ser compartilhado para os alunos, trabalhando de forma interdisciplinar juntamente com os professores de Língua Portuguesa e História.

Após esse primeiro passo, cada professor deverá com o seu planejamento, trabalhar com as atividades que conjuntamente foram decididas fazendo muito mais que valer a lei 10.639/2003 (alterada pela lei 11.645/2008)<sup>2</sup>, mas levando ao conhecimento de seus alunos a importância da valorização da diversidade cultural para a desconstrução de posturas preconceituosas.

Este relatório é dividido em três partes. Na primeira, apresenta-se o Objeto de aprendizagem em si com seus capítulos editados a partir dos áudios. A segunda parte diz respeito ao Objeto de Estudo que é a análise da fonte com os autores que dialogam sobre o mesmo assunto e a terceira parte versa sobre a utilização do Objeto de Aprendizagem em sala de aula bem como sua abrangência que pode ser mais um recurso para as turmas de Ensino Médio.

---

<sup>2</sup>Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

## **2 OBJETO DE APRENDIZAGEM: *PODCAST* “OS RASTROS DA SEREIA”**

O Objeto de Aprendizagem a seguir é uma narrativa ficcional criada por mim e que apresenta a história de Constança Malunga, filha de Mwadia Malunga, personagem de Mia Couto em sua obra *O outro pé da sereia*. A intenção é oferecer uma nova versão derivada da história do escritor moçambicano de forma intertextual, sendo uma recriação para que motive o público adolescente a procurar fazer a leitura da obra que originou toda a pesquisa.

O propósito foi, posteriormente, gravar um *podcast* baseado na narrativa “*Os rastros da sereia*”. O *podcast* está no formato *storytelling* ou contação de histórias.

O objetivo da gravação em áudio da narrativa é, além de disponibilizar um recurso didático que possa contemplar alunos com deficiência visual trabalhando, pois, com a educação inclusiva, também pode ajudar a chamar a atenção dos discentes para que despertem o gosto pela obra de Mia Couto referendada como Objeto de Estudo, sendo assim, um pré-texto ou pretexto para adentrar-se na divulgação histórica que o autor moçambicano trabalha em sua narrativa.

### **Os rastros da sereia**

#### **Link para o podcast:**

<https://open.spotify.com/show/3BfSilOjInmPj5Rb06fS4P>

#### **1º Episódio: A viagem da sereia**

**Capítulo I: Constança Malunga**

**Capítulo II: Baú de lembranças**

**Capítulo III: Canoa partindo**

**Capítulo IV: Sem voz, sem raízes**

**Capítulo V: O diagnóstico**

#### **Capítulo I: Constança Malunga**

*Constança Malunga suspirou, revirou o livro em suas mãos com tamanha habilidade, abraçou-o e o cheirou como se extraísse das suas páginas os aromas que ela acreditava fazerem parte da infância e da adolescência de sua mãe.*

*Há dias a garota sonhava com a possibilidade de ter coragem suficiente para perguntar à Mwadia, sua mãe, por que ela havia se separado do pai e se mudado para o Brasil com aquela mulher estranha, cujo sobrenome, Constança sabia pronunciar com exímia habilidade, graças aos cursos de idioma que ela fizera quando ingressou no Ensino Fundamental de uma escola pública do bairro.*

*Foi justamente nessa escola que Constança participou de um concurso de desenho e, como primeira colocada, ganhou dois cursos: um de Espanhol e um de Inglês que lhe renderam não só conhecimento nos idiomas como notoriedade entre algumas editoras que gostaram de seus desenhos.*

*Constança era cercada de amigos que como ela circulavam na escola exalando alegria, descontração, com aquela mistura de incerteza e ansiedade, típicas de jovens que estão prestes a escolher a área profissional, algo tão cruel para se pensar à altura dos barulhentos dezesseis, dezessete anos de idade.*

*A menina já havia decidido com a mãe que seguiria uma carreira ligada à arte desenhista, porém a mãe relutava que ela deveria mesmo estudar Medicina como a maioria das mães com quem conviviam. Mas Constança não se deixava levar pela ideia da mãe e argumentava que não poderia se livrar do encantamento que ela tinha pelo papel, pelas cores e formas que ela artisticamente dispunha em suas obras.*

*E foi numa dessas tentativas de convencer Constança que Mwadia descobriu que a garota havia encontrado no sótão da casa um baú que continha uns papéis amarelados, enrolados cuidadosamente e envoltos em um lenço com a fotografia de uma senhora cujo nome era Constança. Estava feita a discussão!*

## **Capítulo II: Baú de lembranças**

*Mwadia fitou os olhos na filha, e a menina nem precisou falar, porque os seus olhos já nadavam em lágrimas. Quando se é criança não se duvida da mãe, não se duvida de amigos, não há o mínimo interstício de dúvida sobre o que se está ao seu redor. Há sim a curiosidade, essa propulsora que desfaz a sua zona de conforto.*

*E curiosidade é o que acompanhou Constança a percorrer entre os papéis que estavam naquele baú e que despertaram, não para as cartas de um tal Dom Gonçalo da Silveira, mas para um diário que foi escrito pela mãe e que trazia fotografias, memórias, pedaços de tecidos que pareciam ter mais vida que as plantas medicinais que Mwadia*



*cultivava na horta vertical que ficava na parede do jardim de inverno onde as duas viviam.*

*No mesmo jardim, havia uma espécie de altar de pedra como se fosse uma gruta com uma imagem de uma santa que mais se parecia com uma sereia, pois suas vestes eram tão longas que não se viam os pés.*

*A esperança tomou o lugar da curiosidade e Constança implorou à mãe para que lhe contasse quem era aquela senhora da fotografia, quem era Luzmina, quem era...*

*Eram tantos nomes que a menina não conseguiu guardar, mas ainda vomitava as perguntas. Mwadia olhava com aquele medo peculiar das mães que suaviza as palavras para que elas não recaíssem como bombas. Afinal as duas sempre foram companheiras, e os atritos eram aqueles corriqueiros que costumam acontecer no seio da família, já que a filha sempre acreditou que sua mãe havia deixado Moçambique com a amiga Rosie Southman para trabalhar no Brasil como secretária e ter assistência médica durante a gravidez. E poucas vezes Mwadia conversara com Constança sobre os parentes que ficaram lá, principalmente sobre o pai que duas ou três vezes fora citado.*

### **Capítulo III: Canoa partindo**

*Enquanto criança, para a garota, a relação somente com a mãe bastava, mas quando floriu a adolescência, junto com as espinhas vieram os questionamentos. E esses questionamentos eclodiram quando Constança descobriu o baú com as lembranças da mãe e também por causa da leitura que a menina estava fazendo de um livro que a professora havia passado na sala de aula do escritor Guimarães Rosa: *Primeiras Estórias*.*

*Ao ler o conto intitulado “Os cimos”, Constança se deparou com uma história em que o menino havia se separado de sua mãe para morar com os tios, pois a progenitora estava com uma doença incurável. E essa história mexeu com os sentimentos de Constança, visto que ela havia percebido que não tinha mais ninguém de seus familiares ali, caso ela precisasse se separar da mãe que, nunca a deixara desamparada, apesar de estar fora o dia todo, trabalhando como secretária, cuja indicação para ocupar um cargo em uma empresa tão renomada ocorreu por meio da descoberta que Mwadia fez sobre a ONG da qual Rosie Southman fazia parte, eles usavam fotos das crianças negras com fome e obtinham lucros cada vez mais altos.*

*Ao partir de Moçambique em 2003, Mwadia carregava nas entranhas o seu maior tesouro: sua filha desejada há tanto tempo, mas a maternidade não acontecia com a mesma intensidade das aspirações do casal e, segundo Constança, mãe de Mwadia, ela não ficaria grávida, mas jamais explicou a ela o porquê de ter dito isso.*

*E foi à beira do rio que Mwadia concebeu, canoa que era, deveria transportar as tradições que herdara de sua mãe, por isso mesmo, é que chamou sua única joia de Constança, homenageando sua progenitora.*

#### **Capítulo IV: Sem voz, sem raízes**

*Constança neta nascera brasileira e não sabia nada sobre suas raízes. Justo ela que na escola era protagonista de tantas vozes no grêmio estudantil. Era a garota empoderada que discursava pelos colegas pleiteando as reivindicações dos jovens que não se encerravam em pequenas causas, mas em movimentos que abraçavam as lutas comunitárias dos arredores da escola, na verdade, de toda a comunidade escolar, pois inclusive os professores podiam contar com as ações que ela defendia. E em meio a tantas lutas, Constança mergulhava em uma luta interna que a sufocava de tempos em tempos. A garota se afundava nas dúvidas e não havia alguém para resgatá-la nem mesmo sua mãe cujo nome Mwadia, como um capricho do destino, significava canoa, não conseguia emergi-la da tristeza que ela sentia pela falta de conhecimento sobre suas origens africanas.*

*As lágrimas desceram simultaneamente, e os braços se uniram em um abraço apertado, e o silêncio que se instalou naquele ambiente perdurou por alguns minutos e só foi quebrado por um soluço da menina que desmaiou no colo da mãe.*

*Mwadia, desesperada, gritou pedindo ajuda e logo foi ouvida pelo vizinho que chegara correndo. Era Caio, filho do casal que morava há poucos dias ali. Eles haviam vindo de uma pequena cidade de Minas, pois o filho iria estudar na Universidade Federal de Alfenas.*

*Ana e Tarcísio eram donos de uma pequena fábrica de doces em Carmo do Rio Claro, e há tempos, já planejavam se mudar para uma cidade maior a fim de ampliarem seus negócios. Caio escolheu o curso que iria fazer quando estava ainda no Ensino Fundamental.*

*A obstinação do garoto era cuidar de pessoas e ele não tinha dúvidas de que seria um enfermeiro. Estudou bastante e, com a nota obtida no ENEM, conseguiu se matricular*

na Unifal. Mesmo estando há tão pouco tempo morando ali, Constança e Caio já haviam se tornado grandes amigos.

## **Capítulo V: O diagnóstico**

*Enquanto Caio deitava Constança no sofá, Mwadia já ligava na clínica para que a filha fosse atendida pela médica da família.*

*Aqueles desmaios ficaram constantes desde que a menina tivera seu primeiro ciclo menstrual, há um ano, mas do contrário, ela tinha uma saúde invejável.*

*A médica pediu alguns exames e foi verificado que a menina tinha Anemia Falciforme, mas os desmaios aconteceram porque ela passava por uma crise de insônia que quase a levava a um quadro de depressão. As dúvidas e as incertezas eram ondas intransponíveis, a menina nadava sem rumo, sem norte, sem bote ou canoa que a levassem para terra firme.*

*Mwadia se assustou muito, pois a filha não transparecia nada, pelo menos durante os últimos anos do Ensino Fundamental. Somente com o ingresso no Médio é que a garota começou a apresentar dores pelo corpo e os desmaios, sintomas comuns quando se está em fase de crescimento.*

*O que se passava com ela era o turbilhão de perguntas que estavam sem respostas e que a assombrava toda vez que a garota se deitava no seu aconchegante quarto abarrotado de “post-it” com lembretes de compromissos, porém que não lhe roubavam as horas de sono e sonhos tão desejados, quanto suas inquietações sobre seus antepassados.*

## **2º Episódio: Os cacos da sereia**

**Capítulo VI: Descortinando um sentimento**

**Capítulo VII: O silêncio pode ser duplo**

**Capítulo VIII: A gota de sangue**

**Capítulo IX: A revelação da sereia**

**Capítulo X: De volta às origens**

## **Capítulo VI: Descortinando um sentimento**

*A médica indicou que elas procurassem um tratamento com um especialista, além de instruí-las a passar por um psicólogo que iria ajudar com as questões que perturbavam o sono da garota.*

*Caio, muito prestativo, que já havia levado as mulheres à clínica, aproveitou o momento e seguiu para o consultório que pertencia ao marido de uma professora dele e muito conhecido na cidade por adotar terapias alternativas entre a Psicologia, a cura pelas plantas e pelo uso dos óleos essenciais.*

*Enquanto se dirigiam para o consultório, Mwadia percebeu que a amizade entre os garotos era algo que estava além daquilo que eles pensavam, havia brilho nas palavras, nos olhares que parecia sair de todos os poros deles, bem característico de jovens que estão apaixonados.*

*Quantas vezes os dois falaram as mesmas palavras simultaneamente e até frases inteiras, Mwadia já havia perdido a conta. E isso era bom, pois a tirava da responsabilidade de ter que dar as explicações pedidas, aliás, exigidas pela filha, ganhava, portanto, um tempo maior para que pudesse planejar a conversa.*

*Não que ela mais uma vez se desviaria de contar sobre os acontecimentos passados, mas era doído demais, encarar sua história e viver com o medo de que sua filha quisesse conhecer o pai. Na pior das hipóteses, conviver com ele, trazer de volta um homem que fizera de Mwadia uma mulher sem voz e sem vontade própria, pois dentro dela havia mil Mwadias: a mulher de negócios que desmascarou as falcatruas de uma ONG, a mulher destemida que viajava sozinha pelos rios e matas, a mulher que queria ser mãe, que queria cantar, simplesmente cantarolar, a mulher que poderia dançar com a mãe invocando seus costumes passados, a mulher que queria sentir prazer ao tocar seu próprio corpo, a mulher solitária que, por morar em um lugar tão longe, chamado de Antigamente, dependurava suas capulanas e seus lençóis no varal, pois, quando o vento assoprava, eles dançavam como pessoas que povoavam aquele local desprovido de gente, mas repleto de solidão.*

*Mwadia sentia um misto de vergonha por ter anulado a história bonita que vivera nos últimos dias com a mãe quando deixou Vila Longe, em Moçambique, mas um alívio de ter deixado seu marido para trás, pois em vida ele já era um espectro.*

*A filha não suportaria um pai que era Zero Madzero, o seu nome já o anulava, e a menina era de um altruísmo que não tinha fim. Não saberiam jamais dividir o mesmo chão.*

## Capítulo VII: O silêncio pode ser duplo

*Conheceram o psicólogo e já marcaram as consultas. Quem iria conversar primeiro era Mwadia, foi só nesse momento, que a mulher se viu tão pequena, tão insignificante, na verdade, tão egoísta e insensível por privar sua maior joia, Constança Malunga, de conhecer sua própria história. Ela se lembrou de um trecho de um escritor, Paul Zumthor, com o qual ela dialogara nas suas revisões bibliográficas quando estava na sua pós-graduação: “A voz repousa no silêncio do corpo. Ela emana dele, depois volta. Mas o silêncio pode ser duplo, ele é ambíguo: absoluto, é um nada.” Forte como era não poderia ser dominada pelo silêncio.*

*No primeiro encontro com o psicólogo, Mwadia em meio a lágrimas e soluços conseguiu se expressar e desfazer aquele nó que impede a garganta de se expor. Falou tudo aquilo que a sufocava desde que resolveu deixar a sua amada África, mas continuou mentindo que sua mãe era falecida.*

*Decidiu, então, conversar com a filha e resolver aquele “lance sinistro”, parafraseando o coloquialismo de Constança.*

## Capítulo VIII: A gota de sangue

*Constança deleitou-se ao máximo as consultas com o psicólogo. Sagaz como era, aproveitou para convencê-lo a dar palestras em sua escola para trabalhar a autoestima de alguns colegas que estavam sofrendo, pois acreditavam que não teriam chances em algumas profissões por pertencerem à raça negra assim como Constança.*

*Mas a menina não ficou somente nas palestras com o psicólogo. Ela agitou o Grêmio para que os professores de História e de Literatura da escola não trabalhassem apenas com a única visão escravagista pela qual os negros africanos eram conhecidos, porém que estudassem o Continente Africano como berço da humanidade e que, nos planos de aula, a Lei 10.639 não ficasse apenas no papel ou que a comunidade escolar tratasse o assunto de forma exótica, como se as pessoas que nasceram lá ou que são descendentes dos africanos não fossem vistas como selvagens.*

*Mal sabia a garota que, além de ajudar os colegas, as palavras do psicólogo e as mudanças que ela havia proposto, atingiram em cheio muitos professores dali, pois muitos sofriam também de depressão e não conseguiam ter um sentimento de pertencimento à cultura afro-brasileira.*

*Ao sair de uma das palestras do psicólogo, Constança descobriu que havia um amigo dele que era médico hematologista e, além de tratar seus pacientes, ele era conhecido como pesquisador sobre a Anemia Falciforme, estava feita a indicação para que a menina se tratasse com ele.*

*Caio ficou emocionado, era tudo o que ele precisava, e se disponibilizou a acompanhar Constança e, mais do que isso, já iniciou seus estudos na Enfermagem focando em pesquisas sobre Anemia Falciforme.*

*Se os dois já estavam envolvidos? Foi a gota d'água, ou melhor dizendo, foi a gota de sangue que os ligou ainda mais. A essa altura da história, as mãos e os lábios já estavam juntos o tempo todo. Caio nem precisou falar com Mwadia sobre o namoro, ela fez questão de unir as famílias em um jantar que ela planejara e que saíra melhor do que o esperado, mas nem tudo saiu conforme ela queria...*

## **Capítulo IX: A revelação da sereia**

*Após o jantar, Constança foi até o jardim de inverno buscar algumas folhas de hortelã para fazer um chá e servir a todos. Caio a seguiu e lhe roubou um beijo, as carícias se tornaram quentes. Constança estava atônita, sentia prazer e medo, afinal nunca havia experimentado aquelas sensações, mas temia que alguém chegasse de surpresa e os flagrasse tão envolvidos na paixão.*

*Refutando parte das carícias, empurrou o seu amor e ele se esbarrou na gruta, fazendo com que a imagem caísse quebrando o único pé que se escondia nas vestes que a faziam se parecer com uma sereia.*

*Foi então que Caio percebeu que havia um papel dentro da imagem, no qual havia um número escrito, parecia ser um código, e a imaginação deles foi maior que os desejos e afagos que já começavam a adormecer.*

*Constança, muito decidida, juntou os cacos da santa ou da sereia e os levou para Mwadia e ela, sem poder sustentar suas mentiras, resolveu ali mesmo contar que era o telefone de uma amiga nigeriana, conhecida por ser uma escritora contemporânea de um talento indescritível. O que Mwadia não sabia era que Constança já havia citado a escritora nos seus encontros do Grêmio para mostrar aos colegas negros como eles poderiam ter a autoestima elevada tamanho era o empoderamento de Chimamanda Adichie. Mwadia contou a eles que Chimamanda era conhecida da família e foram os*

*pais dela que cuidaram da mãe, Constança, quando ela saiu de Moçambique. Chimamanda tinha uma tia que era médica e cuidava de pessoas com obesidade, e Mwadia havia levado sua mãe para se tratar com ela. Mas ela não conseguiu se recuperar e ficou em coma. Para poupar a filha, Mwadia escondia aquela história triste, além disso, se sentia culpada com a situação.*

*Mas Constança e Caio, decididos como eram, conversaram com Mwadia e arrumaram meios para ir à Nigéria e a Moçambique e trouxeram a avó e o pai que, embora não quisesse deixar sua terra, mostrou-se animado para rever sua esposa. Ele prometeu à filha que se tornaria um homem diferente daquele que Mwadia conhecera, pois ao sofrer o abandono, Madzero percebeu que deveria mudar suas atitudes machistas para conquistar sua amada.*

*Porém, ele pediu aos garotos que o levassem de volta quando sentisse saudade de suas origens. E eles não só asseguraram o combinado como pediram a ele que os levasse para conhecer toda a história dele em Moçambique.*

## **Capítulo X: De volta às origens**

*Tempos depois, Caio se formou e sua pesquisa sobre Anemia Falciforme foi muito bem-sucedida, inclusive, Constança se ofereceu para ser cobaia nos testes, a fim de que as vacinas, em fase final, fossem criadas para beneficiar tantas pessoas que sofriam com a doença. Essa foi a forma que a garota encontrou para agradecer o envolvimento do seu namorado por ser tão dedicado e atencioso. Eles formavam um casal como tantos jovens, com suas diferenças e suas paridades. Ele, um rapaz dado às Ciências Biológicas. Ela, uma garota, que amava as palavras, tanto as ditas como as escritas. E ambos vivendo sonhos, expectativas e provando do mesmo sabor que era ajudar o próximo, desde os familiares até a comunidade onde viviam. E Mwadia conciliou-se com seu marido, mas preferiram morar cada qual em seu continente.*

*O tempo passou, parecia ter escorrido pelos dedos de Constança, a menina que queria ser desenhista deu lugar, como acontece com tantos jovens que não estão preparados para seguir a carreira almejada, a uma mulher madura e convicta de seus interesses pelas leis. E com uma ótima nota obtida no ENEM, ela conseguira ingressar na Faculdade de Direito da Unifenas com uma bolsa de estudos. Isso foi muito bom para o casal, afinal não iriam se separar da cidade e teriam, então, muito tempo para se encontrarem. (Acréscitei por sugestão dos alunos)*

*Reuniram-se inúmeras vezes, uma delas, em momento solene e comovente em Moçambique: vestiram suas capulanas e foram depositar as cinzas da avó Constança, armazenadas na imagem da santa sereia reconstruída por Madzero. A avó finalmente descansou nas Cataratas da Vitória, no Zambeze, e foi Mwadia que a levou, canoa que era, dentro do baú do missionário, o tal do Padre Dom Gonçalo da Silveira, citado em uma obra de Mia Couto, autor moçambicano, cuja história era conhecida pelos garotos, durante as aulas de Literatura Africana, tão silenciada ou renegada, mas que já havia se tornado uma novidade mudando os ensinamentos tradicionais do Ensino Médio.*

*De volta ao Brasil, mas seguindo a tradição, Constança e Mwadia vestiram suas capulanas e penduraram na parede do jardim de inverno a foto da avó com uma bacia abaixo para abrigar as lágrimas que os mortos choram. Fizeram então a parede dos ausentes.*

*Caio e Constança, sempre que estavam de férias, juntavam-se à Mwadia e iam para Antigamente visitar Madzero, outras vezes, ele vinha até o Brasil para encontrar-se com a família.*

*Em momento festivo, juntaram-se para comemorar a formatura da mais nova advogada, oradora da turma, a menina que desconstruiu tantos estigmas e estereótipos agora poderia fazer ainda mais com que a lei estivesse sempre ao seu lado, sem perder a ternura, sem perder a esperança, sem perder as raízes, seu nome: Constança!*



### 3 INTRODUÇÃO

A pesquisa versa sobre o uso da fonte literária que trata da relação dos portugueses com a corte do Monomotapa, no século XVI, a partir da obra do moçambicano Mia Couto. O romance *O outro pé da sereia* poderá contribuir com informações que permitem refletir sobre a resistência dos povos africanos naquela região, hoje conhecida como Moçambique. Também é assunto do romance a crítica que o autor faz às organizações não-governamentais que exploram as mazelas de alguns lugares da África para obtenção de lucro até os dias atuais.

No que diz respeito à temporalidade, o romance retrata duas épocas distintas. Primeiramente Mia Couto retrata a história que se passa em 1560, quando a expedição portuguesa liderada pelo jesuíta Dom Gonçalo da Silveira aporta em solos africanos com o intuito de evangelizar os gentios, como eram chamados os não-convertidos pelos agentes portugueses. Com os povos africanos batizados, a exploração do ouro, o segundo objetivo dos portugueses, poderia estar garantida, já que a região era conhecida como a "Mãe do Ouro".

O outro tempo mencionado na obra coutiana é retratado na contemporaneidade, mais precisamente em 2002, quando a história de Mwadia, a protagonista do romance, é contada para que o passado daquela região seja resgatado pelas descobertas feitas por ela e que serão usadas para ludibriar o casal representante da ONG que está a visitar Moçambique. E é por meio das conversas que Mwadia tem com sua mãe, Constança, que ela se reveste das tradições orais de seu povo.

Por meio da principal fonte com a qual a pesquisa presente dialoga, *O outro pé da sereia*, detectou-se que há lacunas em relação à história dos povos africanos, e o escritor poderá contribuir na tentativa de desconstruir os estigmas que foram criados em relação a esses povos.

Pode-se aprimorar a busca pelas vivências de povos distintos por intermédio da Literatura, juntamente com a História, para que não se tenha apenas um único ponto de vista, pois:

O poder é a capacidade de contar a história de outra pessoa, tornando-a na história definitiva dessa pessoa. (...) Todas estas histórias fazem de mim quem eu sou. Mas insistir apenas nestas histórias negativas é minimizar a minha experiência, e esquecer tantas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é eles serem mentira, é serem incompletos. Fazem com que uma história se torne na única história. (ADICHIE, 2009.)

A história que envolve a Península Ibérica pode e deve ser analisada não somente pelo ponto de vista dos portugueses que ansiavam tanto pelo ouro mutapa, mas também pelos africanos que tinham outros interesses.

Contudo, a triagem dos aportes bibliográficos não se estabeleceu a um único recorte espaço-temporal, visto que a fonte faz referência a tempos distintos, fornecendo dados que remetem o público-leitor para importantes fatos. Além disso, buscou-se dialogar com literaturas contemporâneas que vão fundamentar esta pesquisa, apoiando-se também na literatura clássica.

Pretende-se com esta pesquisa, analisar as relações históricas entre os jesuítas portugueses com a corte do Monomotapa, no século XVI. Para isso, será trabalhada como fonte primária, a obra *O outro pé da sereia*, de Mia Couto, tendo como apoio bibliografias que serão listadas neste ensaio, a fim de investigar de que maneira Mia Couto reconstrói a história dessas relações e, por meio do romance, tentar entender como se deu a resistência dos monomotapas face às intenções de exploração dos portugueses e se essa resistência foi passiva ou ativa.

Os dados biográficos do escritor Mia Couto também são importantes para a discussão que se pretende nesta pesquisa. O autor António Emílio Leite Couto nasceu em 5 de julho de 1955, na cidade de Beira, Moçambique, África. Seus pais são imigrantes portugueses, o pai é Fernando Leite Couto, jornalista e poeta, cuja obra está no acervo criado pelos filhos na Fundação Fernando Leite Couto; sua mãe, segundo legenda de foto registrada no acervo da referida fundação é Maria de Jesus. Mia Couto conta em sua autobiografia que “A minha mãe vem duma aldeia de Trás os Montes, não tem história porque ela não conheceu a mãe nem o pai! A mãe morreu no parto duma prima-irmã! Ela ficou órfã, abandonada, depois foi acolhida por um padre que se apresentou como sendo tio delas! Então até o nome dela foi rescrito, foi inventado para ela não ter uma ligação com a sua mãe - uma ‘senhora do pecado’! Penso que ela queria muito sair dali quando era nova, o meu pai passou!!! ‘distraído’, ela agarrou-o e foram para o porto!”

António Emílio adotou como pseudônimo Mia Couto e, conforme entrevistas dadas por ele, escolheu ser chamado assim porque seu irmão mais novo não conseguia pronunciar seu nome e por gostar muito de gatos. Atualmente é casado com Patrícia Couto e tem dois filhos: Maydo Dawany e Rita Couto.

Segundo relatos do próprio autor, sua paixão pela literatura, especificamente pela poesia, se deu por meio da leitura de muitos escritores brasileiros, entre eles, João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade. Ele cita também o conhecido poeta português Fernando Pessoa como influência em suas criações literárias.

Mia Couto iniciou sua carreira em tenra idade. Aos 14 anos iniciou sua trajetória de escritor no jornal Notícias da Beira. Em 1971 deixou sua cidade e foi para a capital Lourenço Marques, hoje Maputo, ingressando na Faculdade de Medicina de Maputo, mas em 1974 abandonou o curso para trabalhar como jornalista sendo diretor da Agência de Informação de

Moçambique, em 1976. Também trabalhou de 1979 a 1981 na revista Tempo e de 1981 a 1985 trabalhou no jornal Notícias.

O escritor publicou seu primeiro livro em 1983, *Raiz de Orvalho* e outros poemas que foi reeditado em 1999, obtendo a 3ª edição em 2001. Logo após, Mia Couto deixou o jornalismo, em 1985, para fazer Faculdade de Biologia e trabalhar como professor de Ecologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Em 1992, publicou o seu primeiro romance *Terra sonâmbula*, considerado como um dos melhores livros africanos do século XX, durante a Feira do Livro de Zimbabwe. Em 1996, foi um dos fundadores de uma empresa de consultoria ambiental, conhecida por Impacto. Em 1998, foi eleito o primeiro escritor africano para a Academia Brasileira de Letras como sócio correspondente.

Em 2011, Mia lança seu segundo livro de poesia, "*Tradutor de Chuvas*" e estreou nos contos<sup>3</sup>. Também lançou em livros algumas das suas crônicas, que são publicadas na coluna de um dos semanários em Maputo, capital de Moçambique. Algumas delas: *Cronicando* (1ª edição da Caminho em 1991, 7ª edição em 2003); rendendo-lhe o Prêmio Nacional de Jornalismo Areosa Pena, em 1989); *O País do Queixa Andar* (2003); *Pensatempos*. (1ª e 2ª edições da Caminho em 2005); *E se Obama fosse africano?* (1ª edição da Caminho em 2009); *Outras Interinvenções* (1ª edição da Caminho em 2009)

Além das poesias, crônicas e contos, Mia Couto se apoderou de neologismos e criou vários romances, fazendo sabiamente um brincar com as palavras e, em algumas obras, o autor resgata por meio de ditados a tradição oral moçambicana e, por meio de metáforas embebidas de criticidade, o autor denuncia os fatos que outrora podem ser as fontes da desapropriação da cultura africana.

O romance destacado nesta pesquisa como fonte: *O outro pé da sereia*, foi escrito em 2006 e teve sua primeira publicação pela Editora Caminho. Atualmente, ano Brasil, a obra se encontra na sua 9ª reimpressão pela editora Companhia das Letras. O autor compôs diversos

---

<sup>3</sup> 1. *Vozes Anoitecidas* - 1ª edição da Associação dos Escritores Moçambicanos, em 1986; 1ª edição da Caminho, em 1987; 8ª edição em 2006; Grande Prémio da Ficção Narrativa em 1990.

2. *Cada Homem é uma Raça* (1ª edição da Caminho em 1990; 9ª edição, 2005)

3. *Estórias Abensonhadas* (1ª edição da Caminho, em 1994; 7ª edição em 2003)

4. *Contos do Nascer da Terra* (1ª edição da Caminho, em 1997; 5ª edição em 2002)

5. *Na Berma de Nenhuma Estrada* (1ª edição da Caminho em 2001; 3ª edição em 2003)

6. *O Fio das Missangas* (1ª edição da Caminho em 2004; 4ª edição em 2004)

romances<sup>4</sup> cujas histórias relacionam-se sempre com as questões sociais e de resgate da cultura moçambicana. Em ordem cronológica, alguns desses romances:

1. Terra Sonâmbula (1ª edição da Caminho em 1992; 8ª edição em 2004; Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos em 1995; considerado por um júri na Feira Internacional do Zimbabwe um dos doze melhores livros africanos do século XX).
2. A Varanda do Frangipani (1ª edição da Caminho em 1996; 7ª edição em 2003)
3. Mar Me Quer (1ª edição Parque EXPO/NJIRA em 1998, como contribuição para o pavilhão de Moçambique na Exposição Mundial EXPO '98 em Lisboa; 1ª edição da Caminho em 2000; 8ª edição em 2004)
4. Vinte e Zinco (1ª edição da Caminho em 1999; 2ª edição em 2004)
5. O Último Voo do Flamingo (1ª edição da Caminho em 2000; 4ª edição em 2004; Prêmio Mário António de Ficção em 2001)
6. O Gato e o Escuro, com ilustrações de Danuta Wojciechowska (1ª edição da Caminho em 2001; 2ª edição em 2003), com ilustrações de Marilda Castanha (1ª edição brasileira, da Cia. das Letrinhas, em 2008).

O autor foi reconhecido e premiado pelas suas criações:

- 1995 - Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos
- 1999 - Prêmio Vergílio Ferreira, pelo conjunto da sua obra
- 2001 - Prêmio Mário António, pelo livro "O último voo do flamingo"
- 2007 - Prêmio União Latina de Literaturas Românicas
- 2007 - Prêmio Passo Fundo Zaffari e Bourbon de Literatura
- 2008 - Prêmio Rosalía de Castro do Centro PEN Galiza.
- 2012 - Prêmio Eduardo Lourenço 2012
- 2013 - Prêmio Camões 2013
- 2014 - Neustadt International Prize for Literature

---

<sup>4</sup> 1. Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra (1ª edição da Caminho em 2002; 3ª edição em 2004; rodado em filme pelo português José Carlos Oliveira)  
 2. A Chuva Pasmada, com ilustrações de Danuta Wojciechowska (1ª edição da Njira em 2004)  
 3. O Outro Pé da Sereia (1ª edição da Caminho em 2006)  
 4. O beijo da palavrinha, com ilustrações de Malangatana (1ª edição da Língua Geral em 2006) Editora Caminho.  
 5. Venenos de Deus, Remédios do Diabo (2008)  
 6. Jesusalém (no Brasil, o livro tem como título Antes de nascer o mundo) (2009)  
 7. Pensageiro frequente (2010)  
 8. A Confissão da Leoa (2012)  
 9. Mulheres de cinzas (primeiro volume da trilogia As Areias do Imperador) (2015)  
 10. A Espada e a Azagaia (segundo volume da trilogia As Areias do Imperador) (2016)  
 11. O Bebedor de Horizontes (terceiro volume da trilogia "As Areias do Imperador) (2017)

#### 4 ANÁLISE DA OBRA

Antes de analisar as personagens de modo particular, há que se referir não somente à escolha do autor tendo como protagonista uma mulher, mas a peregrinação do escravo Nimi Nsundi ao se redimir em cuidados com a santa portuguesa conferindo-lhe outra significação ao compará-la à *kianda*, a deusa das águas do seu povo. Com isso, parece que Mia Couto dá sinais para o sincretismo religioso. O que se observa é que Mwadia prossegue com os cuidados com a santa e volta à sua vila adentrando no seu próprio interior em busca da retomada de suas tradições.

Seguem as personagens e suas características.:

A protagonista da obra recebe intencionalmente o nome de Mwadia Malunga por ser o fio condutor que trespassa lugares e tempos. Seu nome significa canoa e, por várias vezes, é citada como se fosse a própria a deslizar nas águas do rio pelo tempo e por espaços tão contraditórios.

Na página 16, o autor escreve que: “A única pessoa de seu convívio era Mwadia, essa que tinha corpo de rio e nome de canoa.” Mais adiante, na página 19, Mia Couto revela: “...o seu nome, Mwadia, queria dizer ‘canoa’ em si-nhungwé. Homenagem aos barquinhos que povoam os rios e os sonhos.”

Mwadia foi viver com Zero Madzero em um lugar cujo nome era Antigamente, intitulado pelo marido, era uma mulher anulada pelos costumes machistas e por ter abandonado suas crenças africanas ao estudar no seminário. Na página 43, há um diálogo entre a protagonista e o curandeiro que mostra as mudanças dela em relação aos costumes religiosos. Mwadia diz se sentir cansada e que já tinha outras crenças.

Como o marido era de poucas palavras, Mwadia se sentia o tempo todo solitária e sempre buscava suas lembranças de infância e do tempo em que vivera com a família. Na página 26, Mwadia, em pensamentos, revela que por estar longe da família, sem filhos, em um canto seco longe do mundo, ela não se sentia viva: “...nem a árvore nem a raiz de que falara Lázaro. Ela era um arbusto definhado e seco. Toda a morte tem o seu quê de suicídio. Mwadia, porém, já não se considerava vivente. Por isso, para deixar de viver, já nem carecia morrer.”

Quando saiu de casa, foi a última filha de Constança, deixando a mãe remoendo em tristezas e, quando se despediram, os adeuses foram demorados, talvez assim, a progenitora supunha que as despedidas pudessem se arrastar pela vida toda.

Em relação ao escravo Nimi Nsundi, como dito acima, ele entra na narrativa logo nos primeiros capítulos quando acontece o acidente com a santa que escorrega da embarcação e é

o “cafres” que a salva das águas lamacentas do rio Mandovi e declara que quem está a lavar as águas é *kianda*, divindade africana, também conhecida por sereia. Mas o ajudante de meirinho não era um simples cafres. Segundo a história, ele havia sido capturado no Reino do Congo e enviado para Lisboa em troca de mercadorias que o Rei Afonso I, aliás *Mbemba Nzinga*, mandara vir de Portugal. Na página 53, relata-se que “Nsundi era um 'trocado', uma moeda de carne. O homem custara uma espingarda, cem espoletas, cinquenta balas de chumbo, um barril de pólvora e uma pipa de cachaça. Em Lisboa, ele trabalhou arduamente, mas cedo revelou inaceitável rebeldia. Como medida correctiva enviaram-no para a Índia Portuguesa. Já em Goa, cumprira serviços domésticos, enquanto apurava os conhecimentos de português para servir de intérprete nas costas de África. Nsundi era um homem alto, trajando com mais apuro que os restantes marinheiros.”

Zero Madzero, marido de Mwadia, era pastor de burros e cabritos, já que a seca não permitiu que se criassem ali animais de porte maior. Enterrou uma estrela, entendida por alguns como uma estrela cadente, do ponto de vista místico, por outro lado, um aparelho de espionagem que poderia ter sido abatido por terroristas e que caiu em solo africano. Um homem que se tornara calado, nas páginas 13 e 14, o autor revela os pensamentos da personagem: “A melhor maneira de fugir é ficar parado. A melhor maneira de mentir é ficar calado.”

O nome dado à personagem diminui ainda mais a sua existência ao se repetir e ao se fixar nele o prefixo ma- que é o prefixo do plural de várias línguas bantas, as línguas da África.

Mas resolveu relatar o que havia acontecido com a estrela e mudou para sempre com sua história a vida da esposa. Observam-se nas passagens de Zero muitos costumes machistas, em conversas com Mwadia, na página 13, ele disse que: “Um homem fica menos macho se passeia a mão pelo seu próprio corpo.” Logo na página 26, o autor revela um comportamento da personagem: “O burriqueiro acenou afirmativamente. Depois, apressou o passo para que todos vissem que ele caminhava à frente da mulher, como era devido a um homem-macho.” E, na página 36, outro comportamento machista: “Ela fazia tenção de o tocar, mas ele ordenava que não se mexesse. Mulher despida haveria que estar quieta.”

Madzero se converteu em crente da Igreja Católica, mas as crenças africanas ainda reverberavam em seus pensamentos, como nas páginas 16 e 17: “Na igreja lhe ensinaram que Deus só é se é único. Ele que apagasse a multidão de deuses familiares, essas divindades africanas que teimavam em lhe povoar a cabeça. “Me salve, Deus! E acrescentou, em célere sussurro: E me acudam os meus deuses, também...”

Lázaro Vivo era conhecido como curandeiro, conselheiro e como adivinho que mantinha características do povo africano quando consultado, principalmente se fossem

estrangeiros, pois segundo a visão americanizada, passa-se maior credibilidade se o curandeiro estiver trajando roupas exóticas, porém, no dia a dia, ele se vestia como um homem comum como todos dali. O autor relata um episódio como mencionado na página 21: “O homem se convertera numa figura mítica desde que, aquando do enchimento da albufeira...”

É apresentado no romance com características modernas, antigamente trajava túnica preta e usava tranças, mas quando havia sido procurado pelo casal Zero Madzero e Mwadia apareceu mostrando cabelos curtos, blusa desportiva e carregava uma tabuleta com a inscrição observada pelo autor nas páginas 21 e 22: “Lázaro Vivo, notável das comunidades locais, curandeiro e elemento de contacto para ONGs.”

No passado, havia trocado olhares com Mwadia, mas não houve menção a um romance entre os dois ou interesse dela no transcorrer da história. Possuía um telefone celular, conhecido lá como tele móvel, e o agitava como se fosse uma bandeira vitoriosa. Em uma passagem, o curandeiro chama a atenção de Mwadia por ela ter se afastado das tradições africanas depois que ela fora para o seminário.

A mãe de Mwadia é a personagem que transmite ao leitor as vivências e as tradições africanas. Dona Constança, uma mulher à frente do seu tempo. Quando Mwadia voltou à Vila Longe, deparou-se com sua mãe muito obesa. Isso se deu porque ela sofreu muito com a partida da filha. na página 88, há uma passagem quando filha e mãe se separam: “Na tarde em que a sua última filha partiu, Constança Rodrigues sentou-se na mesa velha da cozinha, colocou à sua frente a panela de mandioca com caril de peixe seco e comeu, comeu, comeu. Ela queria afogar a tristeza com comida, sepultar o peito no ventre, emparedar a dor em sua própria carne. Quando o marido chegou, Constança estava tombada sobre a mesa, a boca semiaberta, incapaz de deglutir sequer um gole de saliva. Jesustino pegou nela — nessa altura, ainda era capaz de a erguer em peso — e conduziu-a para o quarto — Por quê, Constancinha? — Você afoga a dor no amor, eu afogo no corpo. A partir daí, foi no atafalhado prato que ela sufocou a atabalhoada lágrima. No princípio, até que o engordar lhe emprestara formosura. Em Vila Longe, todas as mulheres sabem: o lume vem do volume. Não há graça em pessoa magra, cheia de costela e cotovelo. Por isso, ela não reagiu mal quando as polpas lhe começaram a arredondar. Mas depois, foi acumulando gorduras que não eram dela, eram adiposidades estranhas, encomendadas. O marido desvalorizava o assunto e até fazia graça: a zebra, quando engorda, ganha mais risca?”

Dom Gonçalo da Silveira, padre jesuíta português que prometera à corte portuguesa batizar um imperador negro na Corte do Monomotapa, fez parte da primeira incursão católica na África. Levava a estátua de Nossa Senhora como símbolo maior da sua peregrinação.

Padre Manuel Antunes, jovem sacerdote, acompanhante de D. Gonçalo, deixou a estátua escorregar do colo e se afundar no lodo, porém foi salva pelo escravo Nimi Nsundi que disse que a Santa era *kianda*, divindade africana. Antunes tinha sonhos eróticos e, certa vez, sonhou com a Santa, se transformando em *kianda*. Há passagens que ilustram que Antunes tinha empatia pelos povos escravizados e confinados nos porões da embarcação e se identificava com os costumes africanos, quando já estava em terra. Nas páginas 259 a 261, o autor relata que o padre se sentia “cafrealizado” e não queria mais voltar a Lisboa, dizendo a ele que havia sonhado que se convertera em um negro e que ser negro não era ser de uma raça, mas era um modo de viver e que ele havia de se abdicar de ser um padre, pois via o mundo de uma outra maneira, o autor relata que, para Antunes: “As lembranças da nau enchiam a sua alma de poeiras, maldições e amarguras. Ao princípio, acreditara que, lançando o diário de bordo nas chamas, ele se livraria desse passado. Aconteceu o inverso: o peso das vivências tinha-se tornado insuportável. Só há um modo de enfrentar as más lembranças: é mudar radicalmente de viver, decepar raízes e fazer as pontes desabarem. A mais cruel das memórias de Manuel Antunes era a de um escravo que, desesperado de fome, cortou a língua e a comeu. Mais do que uma recordação era um símbolo da condição da gente negra: exilada do passado, impedida de falar senão na língua dos outros, obrigada a escolher entre a sobrevivência imediata e a morte anunciada. Antunes confessou ainda a Silveira que, no decurso da estadia na corte, ele conhecera uma mulher que incandescera o seu apagado coração. Embora nada tivesse acontecido, ele queria que acontecesse. Tinha ido para padre por causa de um amor proibido. Deixava a batina por causa de um amor que ele mesmo autorizava.”

As personagens secundárias vão aparecendo ao longo do romance e ganham notoriedade, apesar de serem apenas coadjuvantes, como a indiana Dia Kumari, pois, ao ficar grávida de Nsundi, dá continuidade à sua existência para além da morte.

A brasileira Rosie e o historiador Benjamin é o casal americano que vem à procura da história dos escravos e fazem parte de ONGs que superfaturam notas, expondo as mazelas pelas quais os africanos atuais estão passando por causa das guerras civis.

Além desses citados, há também outras personagens cuja trajetória se faz interessante para a pesquisa, pois introduzem em suas falas peculiaridades das tradições orais africanas, como o caso de Jesustino Rodrigues, padrao de Mwadia que trocava de nome para enganar a morte.

Como curiosidade, Mia Couto estabelece uma ligação de ditados populares e pensamentos com algumas personagens que são bastante interessantes para esta pesquisa, pois



revelam o modo de ser dos africanos, além do mais, o escritor brinca com as palavras e modifica a mensagem original de alguns deles. Seguem alguns:

“— Foi, mulher, sem tirar nem opor.” – Pág. 18.

“— Quem tem insónia é o peixe que só adormece na frigideira.” – Pág. 59.

“— Não tenho onde cair torto, o alfaiate dizia, para justificar os seus actos sacrílegos. E concluía: É que isto, em Vila Longe, vai de animal a pior.” – Pág. 90.

“— De estar chovendo, de não ter fechado as janelas, disse o alfaiate, olhando para alto a catar apoio nos céus. Mas já estou habituado a ser o bode respiratório.” – Pág. 95.

“— A melhor maneira de fugir é ficar parado. (...) A melhor maneira de mentir é ficar calado. – Pág. 20.

“— A saudade é um morcego velho que falhou fruto e mordeu a noite.” – Pág. 80.

“— As pessoas é que abrigam a casa, a ternura é que sustenta o tecto.” – Pág. 81.

“— A nossa língua materna não é a palavra. O choro é o nosso primeiro idioma.” – Pág. 200.

“— A saudade é uma tatuagem na alma: só nos livramos dela perdendo um pedaço de nós.” – Pág. 223.

“— Lançara a escada, mas não se fazia à abordagem.” – Pág. 250.

“— O encantamento é uma casa que tem o silêncio por tecto.” – Pág. 264.

“— A vida são fósforos, acendendo-se uns em outros que se apagam.” – Pág. 324.

“— O que se perde em amnésia, ganha-se em amnistia.” – Pág. 321.

“— Feridas da boca curam-se com a própria saliva.” – Pág. 360.

Em relação ao tempo e ao espaço da obra, o autor utiliza de epígrafes que são as âncoras para distinguir o tempo da narrativa e o espaço em que ela ocorre. A cada mudança de capítulo há uma epígrafe para nortear o que se passa no passado em 1560 e 1561 com a chegada do jesuíta Gonçalo da Silveira e, em 2002, com a história de Mwadia que vai tentar encontrar o melhor local para deixar a Santa que ela encontrara com o marido. A atitude de Mwadia de tentar deixar a Santa em local apropriado nada mais é que a continuação dos atos do escravo Nimi Nsundi para com a imagem de madeira.

É interessante também como o autor se refere à água dos rios como o local que vai além do tempo conduzindo a história.

Há dois momentos temporais diferentes, seguindo-se de modo cronológico e se referem ao passado. Um dos tempos da história é narrado em trinta e um dias de dezembro de 2002, quando Mwadia parte para Vila Longe e depois regressa a Antigamente. A outra parte temporal

da história se passa com a viagem de D. Gonçalo da Silveira entre Goa e Moçambique que se inicia em janeiro de 1560 e termina em março de 1561.

Como exemplo, um diálogo que acontece em 2002:

“Foram se distanciando de casa, atravessando a fronteira daquele lugar feito de areias, miragens e ausências. Há anos que o casal se refugiara nesse além-mundo. Mwadia perdera a conta ao tempo naquele exílio de tudo, naquela desistência de todos. No início, Mwadia acreditou que eles buscassem refúgio para escapar da guerra. Mas não era isso que Zero procurava. O que ele pretendia, nessa tresloucada fuga, era um lugar agreste em que mais ninguém fizesse morada. Quando se instalaram naquele nada, nesse remoto dia, o burriqueiro olhou a paisagem inóspita e declarou:

— Este lugar vai ser baptizado de Antigamente!

— Antigamente? Gosto, é bonito, anuiu a esposa.

Não era, contudo, nome de terra. Era um nome para uma saudade. O apelido nascera dos suspiros, desses lamentos em que Zero Madzero se tinha tornado useiro e vezeiro:

— Antigamente, ai, antigamente!

Antigamente tudo era mais ordenado: o chão chamava e as sombras obedeciam. As rezas subiam, a chuva descia. Foi para reinstalar essa antiga ordem que ele nomeara aquela aridez. O casal estava tão longe de tudo e de todos, que Madzero repetidamente pedia à esposa:

— Não me chame sempre de ‘marido’.

— E como lhe hei-de chamar?

— De vez em quando, me chame por Zero Madzero. Que é para eu não esquecer o meu próprio nome.” – Pág. 32.

Já no tempo passado, Mia Couto relata a expedição que parte para a África:

“A nau Nossa Senhora da Ajuda acaba de sair do porto de Goa, rumo a Moçambique. Cinco semanas depois, em fevereiro de 1560, chegará à costa africana. Com a Nossa Senhora da Ajuda seguem mais duas naus: São Jerónimo e São Marcos. Nos barcos viajam marinheiros, funcionários do reino, deportados, escravos. Mais do que todos, porém, a nau conduz D. Gonçalo da Silveira, o provincial dos jesuítas na Índia Portuguesa. Homem santo, dizem. O jesuíta faz-se acompanhar pelo padre Manuel Antunes, um jovem sacerdote que se estreava nas andanças marítimas.” – Pág. 51.

Os relatos que podem suscitar as dúvidas de que os africanos se relacionaram de forma imperiosa com os agentes portugueses da expedição já citada aparecem diversas vezes durante o romance:

“Seguiram por velhos e secretos atalhos, ocultos entre areias e cascalhos, por onde, durante séculos, os *Chikundas* conduziram missionários, exploradores e comerciantes de escravos e marfim.” – Pág. 20.

Em outro momento, há uma passagem que pode referenciar ao costume de escravizar os familiares por condutas de desobediência em meados do século XVI:

“— Esse é meu pai. Foi ele que me enviou para os mares.

— Rozivai, Mwindo e Mutete eram vossos familiares?

— Não.

— Como é que o seu pai os conhecia?

— Porque eles eram nossos escravos. O padre sorriu, incrédulo: escravos? Xilundo explicou-se: ele era escravo, mas a sua família era proprietária de escravos. Viviam disso: da captura e da venda de escravos. O pai enviara-o para Goa, na condição de servo, como punição de graves desobediências. O projecto do pai era simples: preparar o filho para herdar o negócio da venda de pessoas. No processo de ser escravo ele aprenderia a escravizar os outros.” – Pág. 258.

O enredo da obra traz uma visão crítica sobre a herança da colonização portuguesa quando se trata do tempo em que as expedições chegaram ao continente africano até o atual processo de globalização ao mencionar os americanos.

“A viagem não começa quando se percorrem as distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores.” – Pág. 65.

*O outro pé da sereia* é uma obra em que os espaços entre o presente e o passado são evocados para reconstruir a história da África, mais precisamente do povo Monomotapa.

Mia Couto, mesmo que de forma ficcional, utiliza-se de relatos do jesuíta D. Gonçalo da Silveira para retratar a travessia dos portugueses no século XVI rumo ao chamado Reino do Ouro a fim de converter a corte Monomotapa para moralizar o reino africano, considerado pelos europeus como um reino herege e se apoderar das riquezas minerais.

A cada capítulo, o autor perpassa o tempo e traz a narrativa para o ano de 2002, introduzindo no romance a personagem Mwadia, cujo nome significa canoa. É justamente essa personagem que viajará para sua vila com a documentação encontrada no rio juntamente com seu marido Zero Madzero quando foram enterrar uma estrela que caiu do céu que, na verdade, era uma aeronave em missão espã.

A documentação estava em um baú às margens do rio juntamente com a ossada do jesuíta D. Gonçalo e com a imagem da Nossa Senhora sem um dos pés que fora arrancado pelo

escravo Nimi Nsundi durante a travessia do navio que saiu de Goa para o continente africano em 1560.

Mwadia regressa à Vila Longe, lugar de seu nascimento, para levar a santa e deixá-la em um lugar seguro, de preferência sagrado, aconselhada pelo curandeiro Lázaro Vivo, o qual já se encontra modernizado e influenciado pelo poder consumista, portando inclusive um celular. Ela se reencontra com seus parentes e observa sua terra ainda mais devastada pelas guerras civis e que será visitada por dois estrangeiros que trabalham para uma ONG de apoio à África, mas que se beneficiam das verbas.

A história tem nuances de drama, quando retrata a travessia da nau que transportava em seu porão escravos nas piores condições, mas também apresenta humor e criticidade, no que se refere ao recorte temporal atual, quando o autor se utiliza de ditados e neologismos e demonstra a astúcia da população de Vila Longe. Nota-se na obra um resgate à cultura ancestral africana, ao sentimento de pertencimento, conhecimento de sincretismo ao se comparar a santa portuguesa com uma entidade africana e todo o processo de colonização até a atualidade.

Mwadia entende que para sair de um lugar basta apenas decifrar os livros:

“Um livro é uma canoa. Este era o barco que lhe faltava em Antigamente. Tivesse livros e ela faria a travessia para o outro lado do mundo, para o outro lado de si mesma.” – Pág. 238.

Mia Couto termina sua obra deixando uma sensação de que tudo o que aconteceu foi imaginação de Mwadia e que sua mãe é que revela quando a pede para colocar a foto de Zero na parede dos mortos.

“A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores. A viagem acontece quando acordamos fora do corpo, longe do último lugar onde podemos ter casa. – Pág. 65.

[...] A viagem termina quando encerramos as nossas fronteiras interiores. Regressamos a nós, não a um lugar.” – Pág. 329.

O narrador aparece em terceira pessoa, porém é onisciente como na inscrição:

“Em Antigamente toda a noite é derradeira. Cada dia é tão custoso e espesso que parece carregar o último sol. Depois deste escuro, pensou Mwadia, já nenhuma outra luz haverá. Talvez tenha sido esse receio que a fez sorrir, aliviada, quando, já no topo do monte, avistou na distância as escassas luzes de Vila Longe. – Pág. 20.

Nesse caso, o narrador perpassa pela história de modo intradieético, pois testemunha o que se passa com as personagens e faz julgamentos de acontecimentos. Mas, ao mesmo tempo, o narrador se mostra extradieético, quando necessita se referir à história seguindo os dois tempos em que ela ocorre.

O autor utiliza-se de discurso direto e indireto livre como nos respectivos exemplos:

“–Acabei de enterrar uma estrela.” – Pág. 11.

“Mwadia estranhou: aquelas tinham sido as palavras que, cinco séculos antes, o missionário Gonçalo da Silveira tinha pronunciado na noite em que viria a ser assassinado”. – Pág. 317.

## 5 DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA

Quando se trata de estudar a África ou quando se produzem filmes, por exemplo, quase sempre, os assuntos que são abordados se referem à miséria, ao passado do tráfico de escravos, às guerras civis e, já que em se tratando de Educação, o que se espera é a formação de crianças e jovens que se sintam pertencentes à própria cultura, contudo, como eles vão se identificar com abordagens negativistas?

A África foi sempre citada como o berço da civilização humana, mas quando se estuda a história africana há uma tendência a se limitar ao Egito, e pouca atenção é dada aos outros territórios africanos que possuem uma história a ser desvendada nos bancos escolares com a mesma importância que até hoje foi dada ao continente europeu. Na ocasião da publicação da Lei 10.639, o autor discorre:

O momento é propício ao debate da questão, já que o atual governo, na época com poucos dias de existência, sancionou uma lei tornando obrigatório o ensino da História dos afro-brasileiros e da África em escolas do Ensino Fundamental Médio. Medida justa e tardia, e ao mesmo tempo difícil de ser implementada. Isso por um motivo prático: muitos professores formados ou em formação, com algumas exceções, nunca tiveram, em suas graduações, contato com disciplinas específicas sobre História da África. (OLIVA, 2003, p.428)

Os professores de história acabariam por se perder pela falta de conteúdo, pois, além de não terem uma formação na universidade que os capacite para trabalhar com a história da África, há também as lacunas encontradas em muitos livros didáticos quanto à historicidade do povo africano por falta de acervo, das fontes e da documentária que normalmente são de origem europeia ou, mesmo quando trabalhadas por africanos, possuem uma visão africanista. Mas é justamente nesse ponto que a literatura poderia de modo interdisciplinar auxiliar o professor de história, visto que muitos autores africanos têm se dedicado a escrever sobre a África da forma como o africano gostaria de ser enxergado pelo mundo e não na visão estereotipada como se tem notado.

Para Hanciau (2001, p.5) há dois lados a serem considerados, em relação à literatura e à história, pois há os literatos que defendem a ideia de que a literatura deve ser livre para que se alcance a imaginação e que ela flua para tempos e lugares distintos a fim de encontrar os leitores. Já os historiadores prezam pela historicidade dos eventos como alvo, porém não se eximem da arte da criação, posto que são autores seguindo exigências metodológicas ao buscarem suas fontes.

Atualmente, história e ficção acordam como formas de linguagem no sentido de que ambas são sintéticas e recapitulativas e têm por objeto a atividade humana. Podem selecionar, simplificar, organizar, resumir um século em uma página. O mesmo veio da imaginação e da linguagem que as aproxima, fertiliza a elaboração das teorias científicas, enquanto modelos da realidade. Deixando de ser estanques, cada um dos três ramos do saber interfere nos demais. A história, como investigação e registro de fatos sociais das civilizações, recorre a leis gerais, próprias à ciência, mas não negligencia a ficção; a ciência pode limitar-se ao registro dos fatos, e a ficção, por intermédio do romance, do drama, da poesia, alcança um nível de generalidade semelhante ao pensamento científico. O caráter de ciência conquistado pelo conhecimento histórico não supre, todavia, a base narrativa, que mantém seu nexo com o ficcional. (HANCIAU, 2001, p.5)

A aproximação da literatura com a história dá sentido e coerência à atualidade por meio de uma visão crítica do passado, e é isso que a obra *O outro pé da sereia* de Mia Couto faz por meio de uma releitura da história da África extraída por meio da memória e da linguagem.

Segundo o *Informes e Documentos do Projeto Araribá* organizado por Maria Raquel Apolinário e Carlos Zanchetta, o diálogo entre história e literatura além de ser do gênero narrativo tem pontos bastante em comum como:

**Ambas trabalham com o mesmo tipo de linguagem – a escrita – e utilizam os mesmos signos - letras e palavras.** A função do historiador, de resto, é exatamente esta: refletir sobre experiências históricas e identificar seus sentidos gerais e específicos. E a ficção, em inúmeros casos, igualmente parte de situações realmente vividas e as recria imaginativamente. Ou, ao contrário, sugere alternativas para a história em curso, avalia caminhos que poderiam ter sido seguidos e não o foram. De uma forma ou de outra, sua base está no que historicamente se deu. Por isso, tantas vezes a história e a ficção abordam temas de interesse recíproco e explicitam essa proximidade. (APOLINÁRIO e ZANCHETTA, 2006, p. 2)

Outra fonte que dialoga com a temática da pesquisa não reduz à competição as disciplinas História e Literatura, mas as coloca lado a lado como parceiras para a busca do conhecimento. Pesavento discorre que:

História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música. O que nos interessa, como especificamos anteriormente, é discutir o diálogo da história com a literatura, como um caminho que se percorre nas trilhas do imaginário, campo de pesquisa que passou a se desenvolver significativamente no Brasil a partir dos anos 90 e que tem hoje se revelado uma das temáticas mais promissoras em termos de pesquisas e trabalhos publicados. (PESAVENTO, 2006, p.5)

Em entrevista à *Revista de História e Ensino*, Mônica Lima e Souza<sup>5</sup> comenta que o estudo da história da África nas universidades brasileiras, apesar de ser lei (10.639/2003) é um campo em construção. Além de enriquecer o conhecimento com a história que já se conhece da

---

<sup>5</sup> Mônica Lima e Souza, além de atuar na formação de professores de História, é referência na área de pesquisa e ensino de História da África, ministrando cursos e consultorias sobre a temática.

região europeia, estudar a África, na visão da pesquisadora, deve ir além da escravidão atlântica e das relações com o Brasil escravista.

Afinal, estudar a humanidade sem conhecer as sociedades africanas era uma lacuna enorme nos cursos de História, fruto do viés eurocêntrico a partir do qual foram pensados. E evidentemente todos concordam que estudar a história da África é essencial para compreender o Brasil. (SOUZA, 2014, p.134)

Para isso, seria interessante estimular que os alunos lessem, além dos historiadores, obras de autores africanos nas suas diversas expressões no campo da Literatura: poesia, contos, romances. Souza (2014, p.134) ressalta que o ensino de história da África e história dos africanos e negros no Brasil é, sim, um instrumento na luta contra o racismo. E isso não faz as nossas aulas, as nossas pesquisas, os nossos trabalhos, algo menos acadêmico.

Segundo a pesquisadora e professora Mônica Lima e Souza é importante o estudo da África para se compreender as relações entre os povos do mundo ao longo do tempo e, no caso do Brasil, a nossa formação tem uma relação extremamente estreita com o continente africano, visto que, por tantos anos o País recebeu africanos escravizados em maior quantidade da história do mundo.

Os cativos trazidos da África, que nada podiam carregar além de sua memória e conhecimentos, trouxeram para nosso país aportes tecnológicos que vão desde conhecimentos de agricultura tropical a técnicas de mineração, além de vários outros. As heranças africanas estão presentes em diferentes aspectos da vida social e cultural brasileiras, até hoje, e conformam aspectos fundamentais da identidade nacional. (SOUZA, 2014, p.2)

Conforme as pesquisas de campo feitas por Leandra Rajczuk Martins, em sua tese de Doutorado, o uso da Literatura como fonte para conhecimento histórico junto a alunos de uma escola pública demonstrou ser muito eficaz para a construção de novas aprendizagens para os discentes que, ao perceberem novas representações da História, puderam dessa forma desconstruir conceitos.

Procuramos identificar quais ideias ou imagens vêm “antes” da leitura de textos literários sobre temas históricos na experiência de jovens alunos e o que vem “depois”, evidenciando em que medida as obras ficcionais podem acarretar mudanças nessas concepções prévias, operando a desconstrução de conceitos e a construção de novos conhecimentos, influenciando, assim, a compreensão da História. (MARTINS, 2015, p.10)

A pesquisadora utilizou como fonte o literato Monteiro Lobato, visto que suas obras estão inseridas em um contexto histórico-social vivenciado por ele em uma época de tamanha transformação pela qual o mundo passava no que se refere aos avanços tecnológicos os quais trouxeram uma revolução inclusive na cultura, pois houve a multiplicação de livrarias, facilitando o acesso aos livros e a todo material impresso criado na época. A obra lobatiana,



segundo a historiadora, contribuiu para estimular a criticidade dos alunos porque o autor, diferentemente do pensamento de muitas pessoas, escreveu sim para as crianças, mas suas obras foram além de contos ou histórias inocentes feitas para entretenimento, mas foram histórias que levaram temas que eram renegados ou inapropriados para o público infantil que, inclusive, despertaram no Estado e na Igreja o controle sobre sua criação, isto é, institucionalizando a censura sobre as criações do literato.

No criador do Pica-Pau Amarelo encontramos a confluência dos caminhos. Lobato vivenciou direta e ativamente toda essa profunda transformação histórico-social pelas quais o mundo passou no final do século XIX e na primeira metade do século XX e se, conforme contextualizamos, estamos vivendo uma nova fase desse processo, acreditamos que revisitar a obra lobatiana, por meio de sua reintrodução no ensino, poderia ser apropriado, dada as preocupações educacionais do autor, as quais influenciaram sua criação, levando para os leitores mirins temas considerados, até então, inapropriados, como guerras, política (a exploração do petróleo, por exemplo), ciência, filosofia, entre outros temas. (MARTINS, 2015, p. 13)

Na dissertação de Eusébio André Pedro, atualmente membro do corpo docente da Universidade Pedagógica de Moçambique, é relatada a passagem de D. Gonçalo da Silveira pela África Oriental em 1560 com o intuito de iniciar a evangelização da corte mutapa, iniciou-se aí o período jesuítico. Nota-se, segundo os estudos, que há um engajamento na conquista pelos fiéis, já que isso interessava não somente aos jesuítas que se beneficiaram com os conhecimentos previamente obtidos em academias europeias pelos rigorosos exercícios espirituais, mas também, militares e mercadores. Porém, o padre D. Gonçalo é morto a mando do soberano mutapa já que havia sido influenciado pelos mulçumanos que tinham interesses comerciais no ouro abundante daquele território e que também era um dos objetivos da corte portuguesa. Com os monomotapas batizados, a comercialização do ouro, desde a extração até a venda, seria mais viável, pois os "gentios" estariam mais suscetíveis aos mandos dos portugueses.

A experiência consistia essencialmente no esforço empreendido por homens corajosos para pôr em marcha e estimular o engajamento civilizacional dos povos com que o poder temporal comunicava nas suas aventuras a que deram o nome de «descobrimientos». Com esta finalidade, ofereceram aos líderes, uma parte dos conhecimentos obtidos em academias europeias e pelos rigorosos exercícios espirituais inacianos. Foram impulsionados por diversas motivações, de igual modo, políticas, econômicas, culturais e religiosas. Quando em 1554 há uma decisão de se penetrar para o interior, formou-se o trio Militares, Mercadores e Missionários representados, estes últimos, por vigários e capelães, todos de mãos dadas, mas perseguindo objetivos específicos. Todos agiram na suposição de que os povos encontrados poderiam ser admitidos na civilização. Em 1560 Gonçalo da Silveira e dois irmãos Jesuítas chegaram a Tongue (Inhambane) e iniciou a mística evangelização rumo ao corte de Mutapa. Iniciava-se o verdadeiro período jesuítico. (PEDRO, 2013, p.44)

O que difere a pesquisa de Pedro com a obra de Couto são as visões que ambos têm das missionações, pois, se por um lado, os monomotapas se mostraram acessíveis aos jesuítas, por outro, eles não concordaram pacificamente com as intenções daqueles religiosos. Além disso, o autor citou em seu trabalho: “A pesquisa tinha como problema fundamental o contributo da missionação jesuítica para a construção de valores sociais que constituem a moçambicanidade”.

Segundo a pesquisadora Shirley Carreira, Mia Couto utiliza-se do real e do imaginário em suas obras e, especialmente, falando de *O outro pé da sereia*, isso se refere ao quotidiano moçambicano:

Ao criar um mundo ficcional em que só o impossível é natural, Mia Couto revisita suas raízes, provando que a palavra é o lugar da construção da identidade, pois é onde a memória é preservada. Ao invés de dar três voltas à volta da “árvore do esquecimento”, como as personagens do romance, o autor opta por outro tipo de questionamento: compete ao homem decidir o que deve ou não ser lembrado. (CARREIRA, 2003, p.14)

Mia Couto traz, em sua escrita, uma miscelânea de culturas a que os moçambicanos e a que, quaisquer povos, são acometidos. E, embora o autor pareça, por vezes, defender as tradições africanas, também parece não se opor à crença de que as pessoas não devam se prender a uma única visão do mundo. Isso está presente na fala das personagens cuja oralidade aparece, inclusive, nos costumes religiosos. Mwadia Malunga, a protagonista, reitera em uma das conversas com Lázaro: “Há muitas maneiras de ser africana!”

Esse modo da personagem discutir sobre as várias maneiras de ser africana reitera o que discute Mia Couto em seus textos. Em Moçambique os aspectos da colonização portuguesa, tais como, a religião, a língua entre outros passam também a compor de forma múltipla as identidades e as culturas que fazem esse povo de tantos trânsitos culturais. (TEIXEIRA, 2012, p.6)

Como observou a pesquisadora Gisele Krama, Mia Couto traz para suas obras nas falas das personagens, toda gama de eventos da oralidade, além disso, ele brinca com os ditos populares e recria palavras, num jogo metafórico e na criação de neologismos, por exemplo, quando nomeia o alfaiate: Singério, referindo-se à marca da máquina de costura.

O que foi apagado não teria condições de ser recuperado integralmente, mas era possível trazer um pouco desse universo múltiplo da fala para a literatura. Os escritores se apropriaram da reestruturação da língua feita pela população nativa para marcar esteticamente e politicamente o que estava acontecendo. O uso de somente a língua portuguesa teria sido incapaz de abrir a multiplicidade de experiências e memórias que estavam sendo contadas. (KRAMA, 2019, p.4)

Em entrevista à *Gazeta do Povo*, Júlio Pimentel, historiador que trabalha há anos com ficção, discorre favoravelmente sobre a importância de se trabalhar Literatura e História: A

principal importância da leitura da ficção na história é dar uma percepção da experiência vivida em um tempo que a historiografia nem sempre oferece. Permite ampliar a capacidade de enxergarmos o que foi viver naquele momento de forma mais íntima. (PINTO, 2006, p. 98)

Finalmente, foi necessário dialogar com pesquisadores que observaram a relação que o africano tem com o tempo e com a morte, questões que foram abarcadas na obra coutiana. Lílian Paula Serra e Deus<sup>6</sup>, em seu artigo para a Revista Crioula, discorre:

Na obra de Mia Couto são muitos os momentos em que os tempos se imbricam: as personagens de um tempo cronologicamente marcado como 1560 parecem ser as mesmas presentes na narrativa marcada pela data de 2002. Pelo grande lapso temporal, como poderia uma personagem de um tempo tão passado ainda estar presente em 2002? Obviamente por trás dessa estratégia de construção textual há muitos questionamentos não só acerca da noção de tempo como nós ocidentais o marcamos, mas também no que concerne à questão identitária e à questão de como há outras maneiras de lidar (com) e de se enxergar a morte que não unicamente as estabelecidas pelo ocidente. (DEUS, 2012, p.3)

Enfim, os historiadores procuram suas fontes para fundamentarem suas pesquisas assim como um detetive rastreia as pistas que desvendarão o caso estudado e, para isso, quanto mais recursos forem disponibilizados a fim de contribuir com o conhecimento, mais contundente será o seu projeto.

Novas questões colocam desafios que são respondidos com a inventividade, a imaginação e a reavaliação das práticas do ofício. Os temas e as abordagens também se alteram e é notável o interesse crescente, perceptível já na década de 1970, pelos aspectos culturais. Objetos e instrumentos da vida cotidiana, processos judiciais, material inquisitorial, cartas, fotos, relatos, diários e outros elementos que remetem às trajetórias individuais, assim como diferentes linguagens dos campos literário, pictórico, religioso, musical, teatral, cinematográfico foram incorporados às listagens de fontes dos estudos históricos. A História Oral, possível graças aos gravadores, que se popularizaram a partir de meados do século passado, ao que se acresceu, mais recentemente, o registro em vídeo, deu fôlego a toda uma gama de pesquisas, na qual o historiador participa da própria produção da fonte. (LUCA, 2020, p. 55)

Aliar a literatura à história é um passo aconselhável, pois a fronteira que há entre elas pode ser ínfima quando se trata da contextualização dos acontecimentos. Na obra utilizada como fonte e em outras obras de Mia Couto, o autor evidencia uma versão alternativa à historiografia, utilizando-se de diálogos entre as personagens, retomando características da oralidade e da tradição oral por meio de um viés testemunhal.

Mia Couto deixa essa visão moçambicana bem clara quando se utiliza dos diálogos entre Casuarino Malunga e os americanos: Peço desculpas se lhe vamos tomar tempo, começou por

---

<sup>6</sup> Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa, PUC Minas. lilianedeus@gmail.com

dizer o americano. - Não tem problema. Para nós, africanos, o Tempo é todo nosso. O branco tem o relógio, nós temos o tempo. (COUTO, 2006, p.148)

## 6 O ROMANCE *O OUTRO PÉ DA SEREIA* E O PODCAST “OS RASTROS DA SEREIA” COMO RECURSOS DIDÁTICOS

No que diz respeito à pesquisa, qual seria a relação da mesma com o Objeto de aprendizagem que foi construído? A relação que se estabelece entre ambos é a tentativa de promover um debate histórico junto à fonte que é a obra *O outro pé da sereia*, visto que o Objeto de Aprendizagem poderá suscitar nos alunos do Ensino Médio o gosto pela leitura e levá-los a conhecer a obra coutiana.

O Objeto de Aprendizagem deverá ser um chamariz que pode instigar tanto a leitura da obra utilizada com fonte desta pesquisa, quanto para induzir às discussões temáticas que envolvem a cultura e ao modo de ser africanos e, sobretudo, levantar questões quanto ao pertencimento dos jovens brasileiros, trazendo para eles um sentimento também de identificação em relação à afrodescendência.

O professor de História juntamente com o professor de Literatura ao utilizar o *podcast* “Os rastros da sereia” em sala de aula, poderá ser dialógico a fim de envolver os alunos do Ensino Médio na confecção dele, contribuindo, pois, o que é mais importante no processo de aprendizagem não é apenas o fim, mas o caminhar.

Mia Couto trabalha em suas obras a oralidade e as tradições orais e, ao trabalhar com os alunos essas questões, o professor de Literatura de forma interdisciplinar com o de História vai lidar com os conceitos de identidade e de alteridade tentando assolar preconceitos arraigados na sociedade atual.

Essa pode ser uma hipótese de que um escritor moçambicano contemple as mudanças com um olhar de pertencimento, de modo a buscar outras possibilidades de enxergar o continente africano e estudá-lo não o inferiorizando ou o tratando com comiseração ou, na pior das hipóteses, não silenciando sua história como muito tempo já se fez, por exemplo, no Brasil, chegando a ponto de se criar uma lei para que nas escolas seja tratado o tema da cultura afro-brasileira. O historiador Steven Feierman (1993) revela que: o debate sobre os temas históricos surge ao mesmo tempo em que cresce o número de historiadores que começam a duvidar de seus próprios métodos. Ele alega que são necessárias mudanças nos métodos de investigação e que as escolhas temáticas não podem mais ser sustentadas e fundamentadas em um conhecimento objetivo. Com isso, ele quis dizer que há visões diferentes que precisam ser redescobertas, enxergar o continente africano somente pelo ponto de vista dos europeus e fazer sustentações com base em “checklists” contribui apenas para continuar a mesma noção estereotipada do povo africano.

Estes historiadores se conscientizaram de que seus próprios escritos, seus modos de construir as narrativas ocultavam algum tipo de conhecimento histórico, mesmo quando revelavam outros; e que suas escolhas de temas e métodos são produto de seu próprio tempo e das circunstâncias e não um resultado inevitável do progresso imparcial da ciência histórica. (FEIERMAN, 1993)

Sendo assim, esta pesquisa pode contribuir para a solução do problema pedagógico, pois além de levar o aluno a conhecer mais sobre a história do continente africano, o objeto educacional que será o produto deste ensaio deve estar condicionado não somente à aprendizagem de conteúdos, como também deva promover o bem-estar social, afinal, o estudante é uma pessoa que interage com uma família, com um grupo de amigos, com seus colegas de escola, da rua, enfim, é um ser social e, para isso, depende da ajuda do professor para que sua relação seja aprazível e, nesse sentido, o objeto deve levar o aluno a buscar meios de aprender de forma autônoma para que, futuramente, possa agir sem imposições de outrem nas situações que a vida lhe exigir.

A obra *O outro pé da sereia*, do moçambicano Mia Couto em si mesma, pode não trazer conhecimentos históricos, porém, é um recurso didático para se abrirem discussões históricas juntamente com a bibliografia historiográfica que foi citada ao longo da pesquisa. A literatura coutiana como recurso didático tem grande potencial para ser trabalhada em sala de aula, entretanto, faz-se necessária a utilização de um Objeto de Aprendizagem para que atraia o público adolescente para o qual ele foi projetado.

A justificativa para a criação do Objeto de Aprendizagem descrito neste relatório é que o mesmo nasceu de uma experiência em sala de aula com alunos que ainda não possuem uma afinidade com a literatura de obras feitas por africanos, já que, raramente são encontradas nos acervos das bibliotecas ou inseridas em capítulos de livros didáticos. Além disso, o formato em áudio do Objeto de Aprendizagem foi pensado para tentar atrair os discentes visto que a leitura com fluência, conforme experiências em sala de aula, não tem sido satisfatória. por esse motivo também, iniciar uma discussão historiográfica somente após a leitura de uma obra em sua totalidade, poderia não surtir o efeito desejado.

A criação do Objeto de Aprendizagem que faz intertextualidade com a obra de Mia Couto cujo conteúdo versa sobre as histórias do encontro dos portugueses com os africanos no século XVI pode ser fundamentada tanto na relação aos referenciais teóricos e metodológicos pertinentes às áreas de História Ibérica, da África e de Ensino de História, como também, à interdisciplinaridade com as aulas de Literatura. A obra trouxe para mim, vivências para que eu

criasse a minha própria história, ampliando meus conhecimentos sobre não só a Literatura Africana como também me despertando para acontecimentos históricos narrados.

Apenas para simplificar, registramos a “literatura em prosa”, mas mesmo esse gênero poderia ser partilhado em subdivisões ainda menores, como o romance, o romance policial, a ficção científica, o conto, e assim por diante. Esses vários tipos de fontes, que agrupamos sob a rubrica das ‘fontes literárias’, só mais recentemente começaram a ser explorados pelos historiadores como fontes históricas. (BARROS, 2005, p.25)

O Objeto de Aprendizagem, em questão, foi desenvolvido para as turmas de Ensino Médio, contemplando o primeiro, o segundo e o terceiro anos, além disso, por causa do seu formato em áudio, construído a partir de uma plataforma digital para se criarem *podcasts*, além disso, o objeto poderá ser utilizado por alunos portadores de necessidades especiais como no caso dos alunos com baixa ou nenhuma visão.

O momento do currículo em que o Objeto de Aprendizagem poderá ser trabalhado está regulamentado na questão da obrigatoriedade dos ensinamentos sobre a Cultura e História Afro-brasileiras, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicas e particulares respaldado pela lei 10.639, assinada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em janeiro de 2003.

A lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, foi acrescida dos seguintes Artigos 26-A, 79-A e 79-B, sendo que o Artigo 26 contempla dois parágrafos com os seguintes conteúdos:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (LDB, 1996, p. 21)

A proposta para a inserção do Objeto de Aprendizagem na Educação Básica partiu do pressuposto que o público-leitor do Ensino Médio apresenta uma defasagem na leitura, logo, um objeto construído a partir de uma estratégia diferenciada, no caso, a produção de um *podcast* poderia suscitar mais interesse por parte dos alunos. Além disso, trabalhar com a temática africana, aproveitando os costumes da oralidade, um livro que fosse narrado de forma oral, estaria compondo um cenário pertinente.

Novas questões colocam desafios que são respondidos com a inventividade, a imaginação e a reavaliação das práticas do ofício. Os temas e as abordagens também se alteram e é notável o interesse crescente, perceptível já na década de 1970, pelos aspectos culturais. Objetos e instrumentos da vida cotidiana, processos judiciais, material inquisitorial, cartas, fotos, relatos, diários e outros elementos que remetem às trajetórias individuais, assim como diferentes linguagens dos campos literário, pictórico, religioso, musical, teatral, cinematográfico foram incorporados às listagens de fontes dos estudos históricos. A História Oral, possível graças aos gravadores, que se popularizaram a partir de meados do século passado, ao que se acresceu, mais recentemente, o registro em vídeo, deu fôlego a toda uma gama de pesquisas, na qual o historiador participa da própria produção da fonte. (LUCA, 2020, p. 55)

Pretende-se, a partir do Objeto de Aprendizagem, levar o público jovem à identificação com a personagem, já que ela é negra, filha de uma moçambicana que veio para o Brasil. Objetiva-se também, levar aos alunos o sentimento de pertencimento, a partir das discussões históricas que o Objeto, juntamente com a fonte, pode despertar.

Para que o Objeto de Aprendizagem seja apresentado às turmas do Ensino Médio, toda uma mobilização foi feita, no sentido de instigar nos alunos o gosto pelas histórias sejam lidas ou contadas. Essa mobilização deu-se em uma aula, a partir de uma conversa informal mostrando um mapa, para se localizar o país africano denominado Moçambique, utilizando-se para isso as ferramentas, no caso da nossa escola, como o *datashow* ou, em outros casos, um mapa físico. À essa apresentação da localização, foi proposto aos alunos que perguntassem mais sobre Moçambique e aproveitassem a aula para falar de escritores moçambicanos, inclusive o que os alunos já ouviram em relação ao continente africano. Após essa conversa, pôde-se destacar que, ao contrário do que muitos pensam, pois, provavelmente os discentes falaram sobre o negacionismo que se encerra sobre os africanos, a África não é feita somente de animais selvagens ou de pessoas que são assoladas pela miséria, aproveitando para desmistificar essas ideias.

Após essa conversa, com os alunos, foi dito que durante dez dias, eles iriam conhecer a história da adolescente negra que queria descobrir o passado da mãe moçambicana. E os capítulos foram ouvidos como se fossem uma novela ou série, a fim de que tentasse despertar neles a curiosidade para os capítulos seguintes até se seguir para o final da história. Para isso, foi necessário utilizar um aparelho celular conectado a uma caixa de som para a exibição do *podcast*.

Depois das dez aulas dadas com a inserção dos áudios, já que a história feita em *podcast* tem dez capítulos, poderia se apresentar a obra *O outro pé da sereia* a fim de mostrar como o



Mia Couto trata das relações que os portugueses tiveram com os moçambicanos em 1560 e também como a sociedade moçambicana atual se relacionou com os norte-americanos, aproveitando para desconstruir preconceitos e mostrar aos alunos características das culturas africanas, com destaque para a região do antigo Monomotapa. Em relação às aulas nas minhas salas de terceiros anos, onde o projeto já se iniciou, falta apenas essa prática e a culminância na semana em que celebraremos o Dia da Consciência Negra, em novembro.<sup>7</sup> Mas antes de apresentar a obra e, como as aulas possuem a duração de cinquenta minutos, apenas parte delas seria gasta com a escuta de cada capítulo do *podcast*. No restante da aula, foi proposto aos alunos que tentassem reproduzir a história ouvida por meio de um desenho, de um relatório ou mesmo recontando de forma oral o que havia entendido sobre ela.

Após essa escuta dos áudios poder-se-ia fazer uma discussão sobre todos os temas que foram mencionados na obra e que pudessem suscitar discussões históricas.

Além disso, o professor pode aproveitar uma última aula para que todos os envolvidos na execução do projeto possam se autoavaliar para que possíveis equívocos sejam resolvidos, inclusive uma das propostas é que se trabalhe também com o vídeo em que Chimamanda Ngozi Adichie relata sua trajetória de vida, no caso, foi trabalhada logo após a escuta do *podcast*.

Tudo foi feito e algumas impressões que os alunos tiveram estão anexadas ao final deste relatório, preservadas as identidades dos estudantes, além disso, algumas ilustrações de um dos alunos, foram digitalizadas para a apreciação dos leitores desta pesquisa.

As atividades até agora aqui listadas já foram concluídas e, futuramente, ainda há mais algumas ideias para finalizar o projeto, além da culminância na semana da Consciência Negra.

Como se trata de Ensino Médio, ao final do projeto, uma redação dissertativa será dada no que tange aos alunos do terceiro ano sobre o tema em discussão, como por exemplo, como o jovem brasileiro pode se sentir pertencente às origens africanas. Já nos segundo anos, uma peça teatral poderia ser apresentada para a comunidade escolar, utilizando-se da história criada no Objeto de Aprendizagem. Por fim, com as turmas de primeiro ano, poderia ser proposta a ideia de se criarem mais histórias que contemplassem as temáticas africanas e pudessem ser lidas em recital ou expostas nos murais da escola de forma bem criativa, trabalhando desse modo, a oralidade e a escrita e, também, que fossem expostos no mural, partes da história contada no *podcast* e partes da obra de Mia Couto contribuindo, dessa forma, com a História Pública, visto que toda a comunidade escolar poderia contemplar os trabalhos.

---

<sup>7</sup>Considerando que a defesa do presente trabalho foi realizada em agosto de 2022.

Essas aulas poderiam ser trabalhadas no decorrer do ano e poderiam se estender até novembro a fim de que na data instituída para se comemorar o Dia da Consciência Negra houvesse a culminância do projeto, na tentativa de desconstruir as apresentações que exotizam e estereotipam as sociedades africanas.

A avaliação das atividades será a contínua observação do docente, sabendo-se que os alunos passarão por um processo que tem como finalidade a aquisição de conhecimento sobre nossas raízes nas culturas africanas e possam mudar conceitos pré-estabelecidos e inadequados, sentindo-se ao longo do tempo, pessoas pertencentes e construindo neles uma identificação com os povos africanos. O próprio desfecho do projeto culminando na semana da Consciência Negra pode ser avaliado com um relatório, no estilo de um formulário, para que as pessoas pudessem avaliar também o projeto.

No formulário ao final do projeto realizado na escola, inserido no link abaixo, poderia haver perguntas para que uma pesquisa fosse realizada no intuito de melhorar os futuros projetos que poderiam acontecer na escola.

### **Formulário para apreciação do Projeto Consciência Negra 2022**

Após realizada a pesquisa em formato de relatório (virtual ou físico) com a comunidade escolar, os dados deverão ser analisados e deverão ser arquivados para que as turmas seguintes trabalhem com o Projeto sobre Consciência Negra conforme as sugestões coletadas.

Ademais, o *podcast* poderá ser apresentado à comunidade escolar por meio dos grupos de *Whatsapp* criados pela escola e que contêm a participação de alunos, pais e funcionários da escola.

Conforme o pensamento do educador José Sérgio Fonseca de Carvalho, professor titular de Filosofia da Educação na Universidade de São Paulo, as práticas educacionais mencionadas neste relatório, poderão contribuir para que estigmas sejam desconstruídos como os que foram o mote para que essa pesquisa tivesse início, que foi justamente a estereotipação de certas condutas que, tantas vezes, são presenciadas na escola:

Os termos em que se expressam princípios políticos, ontológicos, éticos e epistemológicos são demasiadamente amplos para que deles se possa “deduzir” algo relativo às práticas educativas em contexto escolar. Se não se trata de dedução, poderíamos então afirmar que tais posições “implicam”, “condicionam” ou “têm como consequência” uma determinada abordagem prática do ensino ou da educação? Mesmo atenuando a expressão, o problema não se torna mais simples. Em que medida, por exemplo, apresentar a natureza humana como boa, mas corrompida pela vida social, pode implicar ou condicionar uma visão do que deve ser a prática educativa? Com a aceitação desse princípio axiológico, não poderíamos sugerir fins e procedimentos não só muito distintos, mas até conflitantes entre si? Não poderíamos, por exemplo, sugerir a extinção de qualquer tipo de escolaridade formal, dado o fato de que introduz os jovens em um mundo corrompido? Ou, então, sugerir que

aprendessem desde cedo a conviver com esse mundo corrompido? Ou buscar educá-los para que se tornem felizes com a corrupção da própria natureza? Qualquer uma dessas perspectivas pode ser “derivada” ou considerada “consequência” do princípio metafísico inicial. O que se espera de um discurso que almeje modificar um conjunto de práticas sociais historicamente solidificadas, como as escolares, é que as descreva e as compreenda em suas manifestações mais típicas ou frequentes, em seus condicionantes e resultados e, a partir disso, aponte alternativas e as justifique, levando em consideração os valores e condicionantes históricos associados. (CARVALHO, 2011, sp)

Ao trabalhar com o Objeto de Aprendizagem com os alunos, pode-se almejar também que eles leiam outros autores africanos contemporâneos. Segundo a Dr<sup>a</sup> Elaine Ribeiro, professora da Universidade Federal de Alfenas-MG, UNIFAL, em seu artigo Dimensões Africanas nos Livros Infantis e Juvenis, existem várias obras que foram analisadas juntamente com estudantes do curso de Letras da mesma universidade e, após os resultados, notou-se que tanto os professores de História como os de Língua Portuguesa podem contribuir, indiscutivelmente para despertar a reflexão sobre a visão de mundo dos alunos e também discutir conteúdos específicos da disciplina lecionada: Como multiplicadores de conhecimento, os livros infantis e juvenis com temáticas africanas trabalhados nas aulas de história permitem ao professor discutir conteúdos específicos da disciplina e propor reflexões sobre os conceitos de raça, etnia, nação, tribo etc. (RIBEIRO, 2015, p.161)

Também se aplica como justificativa o uso do *podcast* para divulgação na Semanas de História da Universidade Federal de Alfenas e, caso o evento seja feito de forma remota, o Objeto de Aprendizagem possa ser divulgado para outras universidades e encaminhado aos repositórios.

O conteúdo do *podcast* “Os rastros da sereia” pode ser ouvido utilizando-se do link:

<https://open.spotify.com/show/3BfSilOjInmPj5Rb06fS4P>

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência como professora da rede de ensino estadual em uma escola da cidade de Alfenas, que atende alunos da zona rural, atuando na disciplina da Língua Portuguesa no Ensino Médio, compactuo com o grande problema pelo qual passam os alunos que é o interesse pelas escritas históricas para fins de informação e para fins também de formação como pessoas tolerantes e respeitosas, principalmente no que tange à relação de pertencimento à cultura afro-brasileira.

Além disso, é necessário relatar dois episódios vivenciados por mim na escola onde atuo. Um deles aconteceu na sala dos professores no momento em que um comentário feito sobre os cabelos de duas colegas foram considerados exóticos, pois uma possuía cabelos ruivos e a outra, cabelos no estilo “black power”. O termo exótico foi rechaçado e uma das colegas explicou que não era conveniente utilizar termos como o que foi proferido, já que torna ainda maior a estereotipação de quaisquer raças.

O outro episódio foi uma comemoração pelo Dia da Consciência Negra que resultou apenas em um desfile de beleza negra, já que a data não deveria se encerrar em eventos que, além de exotizar as pessoas, acaba por desprezar uma discussão que poderia ser muito mais aprofundada.

Com a presente pesquisa, levantamentos foram feitos a fim de que o Objeto de Aprendizagem produzido culmine em um livro paradidático, cuja história se baseará na fonte. O livro, ainda em construção, será apresentado de duas formas, impresso (futuramente) e em áudio, contemplando, dessa forma, a inclusão, visto que alguns de nossos alunos possuem deficiência visual.

Todo projeto educacional deve compreender o indivíduo em sua totalidade como um ser que deva ter um olhar crítico, mas ao mesmo tempo sensível, deve investigar o que o aluno tem de melhor para que possa intervir na sociedade de maneira ética, respeitosa e solidária ao mesmo tempo que possa fazer sentido para sua realização interior. E, cabe ao mestre, ter esse olhar diferenciado para que seu método de trabalho contemple individualmente qualquer discente que por ele passar. A citação a seguir exemplifica claramente isso:

O aluno é o responsável final da aprendizagem na medida em que constrói o seu conhecimento, atribuindo sentido e significado aos conteúdos do ensino, mas é o professor quem determina, com sua atuação, com seu ensino, que as atividades nas quais o aluno participa possibilitem um maior ou menor grau de amplitude e profundidade dos significados construídos e, sobretudo, quem assume a responsabilidade de orientar esta construção numa determinada direção (COLL, 2002, p.156).

Vale ressaltar que a história do *podcast* suscitou nos alunos dos terceiros anos trabalhados muitas impressões que estão anexas a esse relatório e foram de tamanha contribuição para a forma como eles identificaram algumas imprecisões em relação ao tempo em que a narrativa se desenvolveu. Por exemplo, a questão da falta de informações quando a personagem já está iniciando a faculdade e pouco se explorou sobre os acontecimentos no Ensino Médio. Percebi, então, que essa identificação dos alunos com a personagem aconteceu realmente, visto que é justamente a época em que eles estão inseridos. As críticas construtivas e pertinentes aos anseios que eles têm também foram de grande valia para que as próximas obras estejam mais coerentes com os ideais deles.

Para valorizar o patrimônio sociocultural brasileiro, levando-se em conta a sua diversidade e sua pluralidade, é necessário visitar os aspectos culturais de outras nações, e o que se nota, é a valorização de determinadas culturas enquanto outras são silenciadas como no caso das raízes africanas.

É mister lembrar que, há uma enorme possibilidade de se trabalhar interdisciplinarmente História e Literatura no Ensino Básico, visto que, conforme disse Chartier:

A relação entre literatura e história pode ser entendida de duas maneiras. A primeira enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos. Para semelhante perspectiva é necessário compreender que nossa relação contemporânea com as obras e os gêneros não pode ser considerada nem como invariante nem como universal. Devemos romper com a atitude espontânea que supõe que todos os textos, todas as obras, todos os gêneros, foram compostos, publicados, lidos e recebidos segundo os critérios que caracterizam nossa própria relação com o escrito. Trata-se, portanto, de identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. Trata-se também de considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão. (CHARTIER, 1999 p. 197)

A relação da literatura com a história pode ser comparada com o que Jung relatou em sua obra sobre símbolos: A origem dos mitos remonta ao primitivo contador de histórias, aos seus sonhos e às emoções que a sua imaginação provocava nos ouvintes. Estes contadores não foram gente muito diferente daquelas a quem gerações posteriores chamavam poetas ou filósofos.

Assim, uma não se sobrepõe à outra quando se percebe que todos haverão de ganhar com essas relações: A leitura é um destes fatos. Quando a literatura a tematiza, ultrapassa

sempre as questões clássicas dos historiadores, e leva-os a construir de outro modo o próprio objeto de sua indagação. (CHARTIER, 2004, p. 205)

Enfim, a pesquisa culminará na produção de um novo material didático por meio das novas tecnologias como a criação desse livro utilizando-se os recursos, por exemplo, de *podcasts*, sempre buscando a interdisciplinaridade entre Língua Portuguesa e História nas aulas ministradas.

## 7.1 FONTE HISTÓRICA

COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.

## 7.2 LEGISLAÇÃO

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Lei nº 10.639, 09 de janeiro de 2003.

Lei nº 11.645, 10 de março de 2008.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- APOLINÁRIO, Raquel; ZANCHETTA, Carlos. **Projeto Araribá**. São Paulo: Editora Moderna, 2006.
- BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Revista Mouseion UnilaSalle**, Canoas, n. 12, p. 129-159, maio/ago. 2012.
- BRAGA, Juliana. **Objetos de aprendizagem: introdução e fundamentos**. Santo André: Editora da UFABC, 2014. v. 1.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais**. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNL D 2012: História**. Brasília, 2011.
- BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez.1996.
- BRASIL. Lei n. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 jan. 2003.
- BRASIL. Lei n. 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 mar. 2008.
- CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. O outro pé da sereia: o diálogo entre história e ficção na representação da África contemporânea. **Vertentes**, São João Del-Rei, v. 30, p. 21-334, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/shirley05.PDF>. Acesso em: 17 maio 2021.
- CARVALHO. José Sérgio Fonseca de. A teoria na prática é outra? Considerações sobre as relações entre teoria e prática em discursos educacionais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 307-322, maio/ago. 2011.
- CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CHARTIER, Roger. Literatura e história. **Topoi Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 197-216, jan./dez. 2000.

COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

DEUS, Lílian Paula Serra e. Uma outra lógica: análise da obra *O outro pé da sereia*, de Mia Couto, sob a perspectiva de estratégias textuais que se alicerçam sob olhares múltiplos. **Revista Crioula**, [S. l.], n. 12, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/57872>. Acesso em: 27 set. 2022.

FEIERMAN, Steven. African histories and the dissolution of world history [Histórias africanas e a dissolução da história mundial]. In: BATES, R. H.; MUDIMBE, V. Y.; O'BARR, J. (ed.). **Africa and the disciplines: the contributions of research in Africa to the Social Sciences and Humanities**. Chicago: University of Chicago, 1993, p. 167-212.

HANCIAU, Nubia Tourrucôo Jacques. Confluências entre os discursos histórico e ficcional. **Cadernos Literários**, Rio Grande, v. 5, n. 5, p. 73-81, 2000. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/2316>. Acesso em: 13 ago. 2012.

KRAMA, Gisele. Memórias e influências na escrita de Mia Couto. **Revista Falas Breves**, n. 6, mar. 2019.

LUCA, Tânia Regina de. **Documentos: da certeza à construção. Práticas de pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 33-61.

MARTINS, Leandra Rajczuk. **Literatura e ensino de história: construção de novos conhecimentos e resistência por meio de narrativas consensuais**. 2015. 582 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2015.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-Asiáticos**, São Paulo, v. 25, n. 3 p. 421-461, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2003000300003>. Acesso em: 27 set. 2022.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nas escolas brasileiras. Entre o prescrito e o vivido, da legislação educacional aos olhares dos especialistas. **Revista História**, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742009000200007>. Acesso em: 13 ago. 2012.

PEDRO, José Eusébio. **A missão jesuíta em Moçambique: as relações com a sociedade e com o poder político em Tete, 1941-2011**. 2013. 232 f. Dissertação (Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz. **História e literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

PINTO, Júlio Pimentel. De história e de ficção. **História Viva**, São Paulo, v. 29, p. 98-108, mar. 2006.



RIBEIRO, Elaine. **Dimensões Africanas nos Livros Infantis e Juvenis**. Curitiba: Editora CRV, 2015.

SOUZA, Mônica Lima e. Sobre ensino de História da África. **Revista História Hoje**, v. 1, n. 1, p. 131-136, 2012.

SOUZA, Mônica Lima e. Por que conhecer a História da África? **Revista História Viva**, n. 123, jan. 2014. Disponível em:

[http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/conhecer\\_historia\\_africa\\_monica\\_lima.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/conhecer_historia_africa_monica_lima.html). Acesso em: 27 set. 2022.

TEIXEIRA, João Batista. **A literatura de Mia Couto – oralidade e escrita**. Campina Grande: Caminhos, 2012.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## ANEXOS

Impressões dos alunos – ver na versão em PDF.



**Anexos –  
Impressões dos alur**